

Francisco Álvaro Almeida

Subsídios para

a História da

freguesia (de Galegos)

Com o encargo
de fazer o Auto
Bibliográfico
a C.M. de Barcelos.
Lisboa, 5.7.96
Francisco Almeida

(Revisão)
A D.º de Almeida
r.º. Valência



Permanente
Bibliotecária



França André Almeida -09

Subsídios para
a História da
freguesia (de Galegos)

Com o encargo
de fazer o Aut. e
Bibliotecário
a C.M. de Barcelos.
Lisboa, 5.7.96
Francisco Almeida

(Revisão
A D. J. de M. M.
r. D. Valente)



Perm.
Barcelos

82228
JANUARY 1978
LIBRARY

Subsídios para a História de Galegos

Notas :

1. Derivam estes artigos de apontamentos que fui escrevendo no jornal barcelonense, propriedade do Dr. Manuel Alós Talehiña, que também é o director, chamado A Voz do Minho. Fazem n.º I a XXV + realidade, mas que esses.
2. fui recortando artigos que A. F. M. Lemos, juntou-os a esta colecção deles. Anima Lemos, Prof. de História da Faculdade de Ciências do Porto. Que em 1945 apresentou à Universidade de Coimbra uma cópia. Na conclusão escreve: "Questão do nome Subi-
div. n.º XXIV (neste colecção pg. 52) - que trata do "nome Galegos", no n.º 4 eu apresentava que a terra a que chamaram Galegos, nem a este de chamar Galegos? Quando se geminam em de Morais, ou de Morlinda e porquê? E outros. A minha amiga plapim: deu-lhe transcritos, mas não este-me ela de Bithoppe com um livro, Subi-ros - um de Abril de 72. Que o que de Subi-ros (XXIV) é de 8/XII/73. Ou engano-se ou não. Isten. num artigo? -
- 3 - Publiquei a monog. "Galegos, de Morais", 32 pgs. Queixaram-se. Que que entendiam melhor de Subi-ros o jornal que as 32 pgs de folhetim, aliás, exposto a de que tempo artigo, 32 pgs, 5 exemplares me custaram 7.500.00 (que hoje daria valer tanto como 150.000.00, já que : 1974 : Subi-ros - 3.300 : ou em 1946 quase 60, Seja +, -, 20 pgs ou 3.300.00 - ou 7.500 x 20 = 150.000.00. Razão a este tal preço esse Monografia (assim a disse o R. Dr. Francisco Gonçalves de Oliveira meu amigo, natural de Galegos e a Prof. de Espírito Santo). E neste
- 4 - Achou que pena perder-se este colecção de 25 minutas jornal. O papel está em má conservação. Reunir, a que escrever em um publicação, o preço é de 2 alq. Bibliotecas.
5. Assim é que já escrevi os meus Apontamentos para a História de Moral, Escola de Artes e Ofícios de Lisboa e : 1) Bib. de Câmara de Barcelos; 2) B. Nat. de Lisboa.

6 - pensa o seguinte: A) Bib. Nac. de Braga (nao de Camara);
B) Bibl. e Seminário do Arcebispo; C) idem - Aquela se
tem biblioteca.

7 - comei os subsidios e apastei deles perdendo o texto que nã
fossem deles (subsidios) e fiz que desaparecessem os autografos
que o Receto tem. Mas acho bom que se mantenham com
estas.

8: dai que vou remeter a E. M. n. imp. (Bacalhau) o livro do Receto

e fico com foto deles caí,

9 - Índice do Receto no Subsidio:

I a XI - saíram em 1 só pag. de jornal;
XII a XIV - " " 2 paginas poram em 1 só pagina e parte n em 2 parts.

A 1ª chance XII-a e 22 - XII-b, em exemplo.

XV a XIX - 1 só pagina.

XX - 2 pgs; XXI e XXII - 1 pg.

XXIII e XXIV - 2 pgs car. 2º XXV - 2 pg.

10 - Apr. encadernar, numerar: all I - pg 1; folha apr. - pg 2, etc. e tem:

I - pg 1, II - p. 03; III - 05; IV - 07; V - 09

VI - 11; VII - pg 13

VIII - pg 15; IX - pg 17

X - p. 19; XI - pg 21

XII-a - pg 23; XII-b - pg 24; (on jornal); 24 - f (foto auxilia de leitura).

XIII-a - 26; XII-b - 27; XIV-a - 29; XIV-b - 30; XV - pg 32;

XVI - pg 34; XVII - pg 36; XVIII - pg 38; XIX - p. 40; 20-a - pg 42;

XX - b - p. 43; XXI - p. 45; XXII - p. 47; XXIII-a) - p. 49; -

XXIII-b - p. 50; XXIV-a - p. 52; XXIV-b - p. 53; XXV - pg 56 (fim).

11 - Anexar a XII-b 1 tra foto para a XII-b e foto de memoria.

12. As datas: n. I na pg 1 - e de 6.XI.71, como no Receto antigo. O XXV de 5. I. 74

13. jornal: foi comprado em Av. do Lito.

14. 74 (25 Abril): foi de a Restituição Abril. Era eu que eu tinha de dar.

15. Este folha de explicação foi dada antes de dar o I.

São hoje 5 de julho de 1946 - em Lisboa.

O Autor, Francisco Alves de Almeida ou Francisco de Almeida?

dote foi o tal Padre Vaz de Figueiredo (Preguesia?)

Subsídios para a história da freguesia

Смешан с анжуйск. XV

V. Scudder's Cruz (Name. 61)

V. cad-45

(Das Instituições — Confraria do Santíssimo)

v. Estendo de de Prado.

Ver XXV

ponso cantado... pela alma de quem instituiu esta confraria...»

No Cap. 14 lê-se: «Tem mais obrigação esta Confraria mandar dizer hũa missa rezada pela alma de Francisco Vaz de Figueiredo, Abbade que foi nesta Igreja. In.

O seu fundador foi então o Padre Vaz de Figueiredo?

Não podemos saber donde era natural este antigo pároco de Gallegos, nem a sua obra.

Bem pode ter sido ele o fundador, porque se por um lado o Cap. 13 manda rezar responso

pelo Instituidor e só o Cap. 14
se refere ao Padre Figueiredo —
o que faz pensar que o fundador
era outrem que não o Padre Fi-
gueiredo, todavia, a oração orde-
nada no responso do Cap. 13 é a
que começa assim: «Deus qui in-
ter Apostolicos Sacerdotes...».
Pelo teor da oração se vê que o
fundador da Confraria foi um
Sacerdote, e não o afirmando,
suspeito, contudo, que esse sacer-

↓ João de Araújo
IV

As principais 20m. IV
(v. nº 2)

V. X. - fernando II 186

48. 253

grav. - $V_0 = 1/4 - 226$
 $V = \text{no IV} =$

Antigamente, cada confraria tinha por «área» a freguesia «sede» e outras mais. No nosso caso, a Confraria de Galegos abrangia as freguesias de S. Martinho, Manhente, Lama, S. Veríssimo, Areias e Quirás (art. 2.º e 14.). Por isso mesmo o Juiz podia pertencer a qualquer destas freguesias (Cap. 2.º e 14.º).

Uma observação: em 1732 as freguesias de Quirás e Areias, deviam ter população igual, porque, enquanto a todas as outras eram remetidos 4 círios por ano, a estas só se remetiam 2 a cada. E Quirás é hoje freguesia montã.

Tem a Lama nos Estatutos lugar especial, segundo o Cap. 14, que diz: «...na festa¹ do Corpo de Deus... uma missa rezada por tensão de Domingos Manuel da Lama», maneira de, ao tempo, identificar as pessoas — pela terra delas.

Continuaremos, se Deus quiser.

Francisco de Almeida

1) J. M. S. W. 170; # 29. 479; indone
J. Ethnol.

20-11-71

03

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Paulo III. 25 39 II 25 A

(Das Instituições — Confraria do Santíssimo)

ver no XXV. 4;

No n.º 1 destes Subsídios, falamos do possível fundador da Confraria do S. S.º — Padre Figueiredo — e dum possível benfeitor — Domingos Manuel — da Lama.

Teve a confraria outras relações com o exterior: «a obrigação de mandarem esmola ao Mosteiro de S. Francisco do Monte... Junto à Franqueira, (esmola de cinco alqueires de senteyo e dez de milho... e 1 libra de cera amarela...» (cap. 14). Não sabemos como nasceu esta obrigação, a qual certamente se extinguiu em 1834, com a expulsão dos Frades.

De notar é que não já a Confraria, mas a freguesia, pagou foros aos mosteiros de Manhente (e depois ao de Vilar, de Frades) e ao da Várzea (S. Bento da Várzea).

Os estatutos nomeiam mais 2 indivíduos: «João del'Araújo, que deixou (à confraria) a maior parte da renda» (que ela tinha

em 1732) e «André Pires» por alma do qual era rezado um resposso por ano», «no mês de Janeiro».)

Em 1732 a procissão com o SS.º não passava do «Cruzeiro de S. João», nomeadamente no Domingo de Páscoa (cap. 11).

A Confraria — coisa hoje quase esquecida — tinha então — 1732 (4) muitos livros: 1 para os que pagaram suas obrigações à confraria, outro para os devedores; outro para receitas e despesas e outro para termos das eleições (art. 25); livro para inventário dos bens móveis e livro para Escrituras, Doações e Assinados. (v. Bento, Pallas, etc.)

(Assinado deve ser um papel de confissão, particular, de dívida para com a confraria).

Isto nos levaria a estudar a vida económica da Associação ou Confraria. Teve ela muitos bens e rendas (ver atrás referência a João Araújo). E tanto assim que tinha como cargo

principal o de Procurador (art.º 6.º) que era «obrigado a tratar das causas ou demandas», correndo as despesas delas «à custa da Confraria», mas «o trabalho pessoal (do procurador) será de graça» — coisa que, cerca de 1800, se tornou insuportável, por serem muitas as demandas — contra devedores à Confraria, já se vê.

Assim, na reforma de 1784 (fls. 24 do livro), passaram as despesas pessoais do procurador, motivadas pelas demandas, a correr por conta da Confraria.

Ainda na reforma de 1805 se afirma que a Confraria «presentemente tem fundo e rendimento avultado» — e todavia, começam a fazer-se restricções às despesas — porque os particulares já não podem com elas. «Ao princípio» — diz-se em 1805 — esta confraria era de limitado rendimento, (peló que) os officiais que (a) serviram (gastavam) de suas bolsas» (fls. 29).

Não sei se em outras freguesias há pela freguesia oliveiras que pertençam a certa confraria. Há-as em Galegos que dão azeite para a lâmpada do SS.º, plantadas nas bermas das estradas e caminhos. Virá o tempo em que se há-de pôr o problema: de quem é o terreno onde elas se encontram? Da Junta ou da Confraria?

(Continua)

Pe. João Luis. no XIX
(1) Também em 1732, 1734, 1735, 1736, 1737, 1738, 1739, 1740, 1741, 1742, 1743, 1744, 1745, 1746, 1747, 1748, 1749, 1750, 1751, 1752, 1753, 1754, 1755, 1756, 1757, 1758, 1759, 1760, 1761, 1762, 1763, 1764, 1765, 1766, 1767, 1768, 1769, 1770, 1771, 1772, 1773, 1774, 1775, 1776, 1777, 1778, 1779, 1780, 1781, 1782, 1783, 1784, 1785, 1786, 1787, 1788, 1789, 1790, 1791, 1792, 1793, 1794, 1795, 1796, 1797, 1798, 1799, 1800, 1801, 1802, 1803, 1804, 1805, 1806, 1807, 1808, 1809, 1810, 1811, 1812, 1813, 1814, 1815, 1816, 1817, 1818, 1819, 1820, 1821, 1822, 1823, 1824, 1825, 1826, 1827, 1828, 1829, 1830, 1831, 1832, 1833, 1834, 1835, 1836, 1837, 1838, 1839, 1840, 1841, 1842, 1843, 1844, 1845, 1846, 1847, 1848, 1849, 1850, 1851, 1852, 1853, 1854, 1855, 1856, 1857, 1858, 1859, 1860, 1861, 1862, 1863, 1864, 1865, 1866, 1867, 1868, 1869, 1870, 1871, 1872, 1873, 1874, 1875, 1876, 1877, 1878, 1879, 1880, 1881, 1882, 1883, 1884, 1885, 1886, 1887, 1888, 1889, 1890, 1891, 1892, 1893, 1894, 1895, 1896, 1897, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 2680, 2681, 2682, 2683, 2684, 2685, 2686, 2687, 2688, 2689, 2690, 2691, 2692, 2693, 2694, 2695, 2696, 2697, 2698, 2699, 2700, 2701, 2702, 2703, 2704, 2705, 2706, 2707, 2708, 2709, 2710, 2711, 2712, 2713, 2714, 2715, 2716, 2717, 2718, 2719, 2720, 2721, 2722, 2723, 2724, 2725, 2726, 2727, 2728, 2729, 2730, 2731, 2732, 2733, 2734, 2735, 2736, 2737, 2738, 2739, 2740, 2741, 2742, 2743, 2744, 2745, 2746, 2747, 2748, 2749, 2750, 2751, 2752, 2753, 2754, 2755, 2756, 2757, 2758, 2759, 2760, 2761, 2762, 2763, 2764, 2765, 2766, 2767, 2768, 2769, 2770, 2771, 2772, 2773, 2774, 2775, 2776, 2777, 2778, 2779, 2780, 2781, 2782, 2783, 2784, 2785, 2786, 2787, 2788, 2789, 2790, 2791, 2792, 2793, 2794, 2795, 2796, 2797, 2798, 2799, 2800, 2801, 2802, 2803, 2804, 2805, 2806, 2807, 2808, 2809, 2810, 2811, 2812, 2813, 2814, 2815, 2816, 2817, 2818, 2819, 2820, 2821, 2822, 2823, 2824, 2825, 2826, 2827, 2828, 2829, 2830, 2831, 2832, 2833, 2834, 2835, 2836, 2837, 2838, 2839, 2840, 2841, 2842, 2843, 2844, 2845, 2846, 2847, 2848, 2849, 2850, 2851, 2852, 2853, 2854, 2855, 2856, 2857, 2858, 2859, 2860, 2861, 2862, 2863, 2864, 2865, 2866, 2867, 2868, 2869, 2870, 2871, 2872, 2873, 2874, 2875, 2876, 2877, 2878, 2879, 2880, 2881, 2882, 2883, 2884, 2885, 2886, 2887, 2888, 2889, 2890, 2891, 2892, 2893, 2894, 2895, 2896, 2897, 2898, 2899, 2900, 2901, 2902, 2903, 2904, 2905, 2906, 2907, 2908, 2909, 2910, 2911, 2912, 2913, 2914, 2915, 2916, 2917, 2918, 2919, 2920, 2921, 2922, 2923, 2924, 2925, 2926, 2927, 2928, 2929, 2930, 2931, 2932, 2933, 2934, 2935, 2936, 2937, 2938, 2939, 2940, 2941, 2942, 2943, 2944, 2945, 2946, 2947, 2948, 2949, 2950, 2951, 2952, 2953, 2954, 2955, 2956, 2957, 2958, 2959, 2960, 2961, 2962, 2963, 2964, 2965, 2966, 2967, 2968, 2969, 2970, 2971, 2972, 2973, 2974, 2975, 2976, 2977, 2978, 2979, 2980, 2981, 2982, 2983, 2984, 2985, 2986, 2987, 2988, 2989, 2990, 2991, 2992, 2993, 2994, 2995, 2996, 2997, 2998, 2999, 3000, 3001, 3002, 3003, 3004, 3005, 3006, 3007, 3008, 3009, 3010, 3011, 3012, 3013, 3014, 3015, 3016, 3017, 3018, 3019, 3020, 3021, 3022, 3023, 3024, 3025, 3026, 3027, 3028, 3029, 3030, 3031, 3032, 3033, 3034, 3035, 3036, 3037, 3038, 3039, 3040, 3041, 3042, 3043, 3044, 3045, 3046, 3047, 3048, 3049, 3050, 3051, 3052, 3053, 3054, 3055, 3056, 3057, 3058, 3059, 3060, 3061, 3062, 3063, 3064, 3065, 3066, 3067, 3068, 3069, 3070, 3071, 3072, 3073, 3074, 3075, 3076, 3077, 3078, 3079, 3080, 3081, 3082, 3083, 3084, 3085, 3086, 3087, 3088, 3089, 3090, 3091, 3092, 3093, 3094, 3095, 3096, 3097, 3098, 3099, 3100, 3101, 3102, 3103, 3104, 3105, 3106, 3107, 3108, 3109, 3110, 3111, 3112, 3113, 3114, 3115, 3116, 3117, 3118, 3119, 3120, 3121, 3122, 3123, 3124, 3125, 3126, 3127, 3128, 3129, 3130, 3131, 3132, 3133, 3134, 3135, 3136, 3137, 3138, 3139, 3140, 3141, 3142, 3143, 3144, 3145, 3146, 3147, 3148, 3149, 3150, 3151, 3152, 3153, 3154, 3155, 3156, 3157, 3158, 3159, 3160, 3161, 3162, 3163, 3164, 3165, 3166, 3167, 3168, 3169, 3170, 3171, 3172, 3173, 3174, 3175, 3176, 3177, 3178, 3179, 3180, 3181, 3182, 3183, 3184, 3185, 3186, 3187, 3188, 3189, 3190, 3191, 3192, 3193, 3194, 3195, 3196, 3197, 3198, 3199, 3200, 3201, 3202, 3203, 3204, 3205, 3206, 3207, 3208, 3209, 3210, 3211, 3212, 3213, 3214, 3215, 3216, 3217, 3218, 3219, 3220, 3221, 3222, 3223, 3224, 3225, 3226, 3227, 3228, 3229, 3230, 3231, 3232, 3233, 3234, 3235, 3236, 3237, 3238, 3239, 3240, 3241, 3242, 3243, 3244, 3245, 3246, 3247, 3248, 3249, 3250, 3251, 3252, 3253, 3254, 3255, 3256, 3257, 3258, 3259, 3260, 3261, 3262, 3263, 3264, 3265, 3266, 3267, 3268, 3269, 3270, 3271, 3272, 3273, 3274, 3275, 3276, 3277, 3278, 3279, 3280, 3281, 3282, 3283, 3284, 3285, 3286, 3287, 3288, 3289, 3290, 3291, 3292, 3293, 3294, 3295, 3296, 3297, 3298, 3299, 3300, 3301, 3302, 3303, 3304, 3305, 3306, 3307, 3308, 3309, 3310, 3311, 3312, 3313, 3314, 3315, 3316, 3317, 3318, 3319, 3320, 3321, 3322, 3323, 3324, 3325, 3326, 3327, 3328, 3329, 3330, 3331, 3332, 3333, 3334, 3335, 3336, 3337, 3338, 3339, 3340, 3341, 3342, 3343, 3344, 3345, 3346, 3347, 3348, 3349, 3350, 3351, 3352, 3353, 3354, 3355, 3356, 3357, 3358, 3359, 3360, 3361, 3362, 3363, 3364, 3365, 3366, 3367, 3368, 3369, 3370, 3371, 3372, 3373, 3374, 3375, 3376, 3377, 3378, 3379, 3380, 3381, 3382, 3383, 3384, 3385, 3386, 3387, 3388, 3389, 3390, 3391, 3392, 3393, 3394, 3395, 3396, 3397, 3398, 3399, 3400, 3401, 3402, 3403, 3404, 3405, 3406, 3407, 3408, 3409, 3410, 3411, 3412, 3413, 3414, 3415, 3416, 3417, 3418, 3419, 3420, 3421, 3422, 3423, 3424, 3425, 3426, 3427, 3428, 3429, 3430, 3431, 3432, 3433, 3434, 3435, 3436, 3437, 3438, 3439, 3440, 3441, 3442, 3443, 3444, 3445, 3446, 3447, 3448, 3449, 3450, 3451, 3452, 3453, 3454, 3455, 3456, 3457, 3458, 3459, 3460, 3461, 3462, 3463, 3464, 3465, 3466, 3467, 3468, 3469, 3470, 3471, 3472, 3473, 3474, 3475, 3476, 3477, 3478, 3479, 3480, 3481, 3482, 3483, 3484, 3485, 3486, 3487, 3488, 3489, 3490, 3491, 3492, 3493, 3494, 3495, 3496, 3497, 3498, 3499, 3500, 3501, 3502, 3503, 3504, 3505, 3506, 3507, 3508, 3509, 3510, 3511, 3512, 3513, 3514, 3515, 3516, 3517, 3518, 3519, 3

Galegos, Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

III - V. n.º XVI

Vamos à análise dos livros das visitas. São dois. Interessa-nos agora o 1.º, que abrange os anos de 1663 a 1762.

Visitação é uma espécie de inspecção feita aos párocos por alguém mandado pelo bispo da diocese, e que começou a existir após o Concílio de Trento (ali por 1500 e tal).

Para o efeito destas inspecções, a nossa Arquidiocese achava-se dividida em zonas, sendo uma delas a que tinha o nome de «Entre Homem e Cávado e Valle de Tamel». Quer dizer, um visitador inspecionava desde Vila Verde até Barcelos. — Margem direita do Cávado e tal vez até ao Rio Lima.

No tempo do Concílio de Trento era Arcebispo de Braga o grande D. Frei Bartolomeu dos Mártires, com o qual os Cônegos da Sé Primaz fizeram uma «concordata».

Não conheço o texto da Concordata, mas verifica-se que o direito (ou dever) de inspecção a zona acima referida pertencia ao Cabido

da Sé. O Cabido elegia e o Arcebispo nomeava o eleito para inspecionar. Havia inspecção quase todos os anos, geralmente pelo Outono. Houve inspectores que fizeram sangue. Vejamos alguns casos.

— «Sebastião Barbosa de Almeida, cônego prebendado na Sancta See de Braga, Abbade das Igrejas de Sancta Marinha de Anais e S. Miguel de Vilaça» (fls. 20, v.º do livro).

— «Carlos de Magalhães e Azevedo... Abbade de Oleiros. Beneficiado da Collegiada da Villa da Lourinhã» (ano de 1735, fls. 62, v.º);

— «Doutor Miguel Pereira do Lago» (fls. 21, ano de 1693);

— Outros visitadores, cônegos e Abades: o abade de S. João da Silva, de Fiscal (V. Verde), de Rio Caldo, de Figueiredo, de S. João de Calendário, etc.

Notas: que demónio de párocos eram estes, que subiam a Abades, eram promovidos a Cônegos, com prebenda, a visitadores e até, na

Arcebispo D. ... tempo de D. João I - emquanto sua rude pobreza, alcançavam benefício numa Colegiada, como a da Lourinhã, que dista de Braga seus 300 Kms? (De Lisboa à Lourinhã, cerca de 70 Kms).

Alguns párocos de Galegos referidos neste livro: VI, VII, XV

— O Abbade Francisco de Macedo (com cedilha), já abade antes de 1663 e até 1691 (fls. 1 a 25), o qual teve «seu cura», que parece ter sido o Padre Francisco de Macedo (sem cedilha), nos anos de 1687-90;

— O Abbade Manuel de Azevedo, de 91 a 97, seguido do — Abade Francisco de Macedo (o antigo Cura?) até 1726; — Missas, no IV

— Veio o Encomendado Manuel Roiz, até 1729, seguido do Abade Bento de Sousa de Azevedo e Cunha, que teve como Coadjutor o Padre João Luis de Oliveira (fls. 62);

— O Cura Francisco Gonçalves (1735, seguido do — Cura Manuel Gonçalves de Oliveira (1740);

— O Abbade Bento de Sousa de Azevedo e Atayde (fls. 79, 1745), que teve por Coadjutor o Padre João Silva Coelho;

— O Encomendado, Francisco Antas da Cunha, seguido do Abbade Baltasar de que já falamos.

A fls. 34, o Abbade Macedo indica abades ainda mais antigos: — Rev.º Miguel de Azevedo e Francisco Vaz de Figueiredo (o tal que citamos no 1.º numero destes subsídios.).

(I) — Dr. o am (Continua)

II Houve 2 higues (mgs)

I os antigos uns párias

1) São dom. V. de 475

1) v. cad. T. 1º
1) v. Guacá
1) v. Ocêdo
1) v. n.º Anexa
2) A «Villa»
1) Bartolomeana

19-2-72
Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

IV

1/ fls. 350 1.º livro das Visitações
vem um relato que completa o já dito
sobre a principal Confraria da terra.
E como segue:

«Os Oficiais» do SS.mo são obrigados
a mandar dizer, cada ano:

— 20 missas por tenção de João de
Araújo; 2 por João Francisco da Pena;
12 por Maria Faria; 2 por Domingos S.
Galinha; 2 por um clérigo de Barcelos
(quem será ele?) e 1 por Francisco
Vaz de Figueiredo (deve ser o antigo
abade).

Havia ali vários prédios com encar-
gos pios, como se vê a fls. 34-35, que,
resumidamente, é deste teor:

— (A) Leira da Vinha Grande em
Portela (ninguém sabe decerto o sítio
exacto onde ficava esta vinha), que
leva meio alqueire de semente, tem
o encargo de 1 missa por homem (qual
o exacto significado disto?);

— (B) Leira do Eido, 1 alqueire, 1
misa; — (C) Campo do Rio, 3 alquei-
res, 1 m. por h; — (D) Leira da Ca-
chada, 1,5 alqueires, 1 m. h; — (E) Bico
de terra junto da poça do Carregal
(ainda existe, quase seca), de 1/2 quar-
to de semente, com o Eirado de João
Francisco (do lugar de Casa Nova),
que leva 1/2 quarto e mais a leira
na bouça dos Castanheiros (na fregue-
sia de S. Martinho), todos, 1 m. por h;

— (F) leira da Pedreira de Cima (de 1/2
alq.), 1 bico de terra na Vinha Grande
(de 1/2 quarto) e outra leira da Vinha
Grande (de 3/4), todos, 3 m. por h;

— (G) 2 leiras na V. Grande e leira
no Eirado de João Lourenço, à beira
do poço, todos, 1 m por h; — (H) leira
no Contelho do Trigo (de 5/4), 1 m.
por mulher; — (I) Casa e Eido cercado

onde viveu F. Lomba (de 4 alq.), 6 m.
por Sacerdote; — (J) «Orta» à porta de
Maria Gonçalves, em Portela (de 1/2
alq.), 1 m. por mulher; — (L) Casa
e Eirado de D. Lopes, 2 m. e 1 ofício de
3 padres, por ano; — (M) Vinha de
Portela, cercada (não devia ser a gran-
de), de 1 alq., 1 m; — (N) Os bens
de Pedro F. Castro, 2 missas.

Outros obrigados (fls. 97):

1) — Francisco Lourenço (lugar de
Aldeia), as 3 missas do dia de Natal,
além de 1 m. por ano em 15 de Agosto,
mais 1 alq. de pam para a confraria do
Sobrsino (Fabriqueira antiga) e 1 quar-
tilho de azeite para o SS.mo Nome de
Deus;

2) — Casa de Azevedo (Lama), 2 m.
por ano pela alma do Padre Manuel
de Azevedo (referido já) e sua mãe;

3) — Casa e Eirado junto do Passal,
4 m. por ano.

4) — Francisco da Silva, 16 m; —
Senhorinha Domingas (herdeiros, lugar
de Fraião), 3 m., sendo duas nos San-
tos e uma na Assunção.

Há tempos foi-me posta na fregue-
sia a questão de saber ou determinar
se o terreno x pertencia a A ou antes
a B. E nem sempre é fácil de decidir
a causa. Que bolandas sofreu esse
disputado terreno? Só as antigas matrizes
podem falar.

Outra: «por que diabo meu eirado
paga foro? Não poderei ao menos reu-
nir isso?».

Sabe-se lá por que razão paga foro!
Olhe, é estudar a história do seu pre-
zado eiradinho. Se é foreiro à Igreja
(ou foi), etc.

(Continua)

visitaep. cad. I-3, re: Slibear
"por homem, - e há faz que usasse Varas?"
"Sobrsino, à oração lino?"
1/ v. 6 cebido - vaz-

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

V Engeitados

Outro livro ^{de 17-18} ~~de 17-18~~ foca a nossa história é dos «Defuntos», que abrange o século e tal decorrido entre 1772 e 1878 — são 107 anos.

Feita dele uma amostragem, colhe-se o seguinte: — total de pessoas falecidas nesse período, 1193, tantos são os registos de óbitos.

Óbitos num ano, de 20 em 20 anos: em 1773, 11 óbitos; 1793, 13; 1813, 6; 1833, 19; 1853, 13; em 1873, 19, o que dá a média anual de cerca de 12 mortos.

Anote-se que, de 1813 a 1823, muita gente deve ter, por motivos que desconhecemos, abandonado a freguesia. Talvez devido às guerras de então.

Entende-se que a freguesia era já muito populosa; doutro modo, não morria nela tão grande número de pessoas. Este ponto, porém, fica em suspenso, para quando se possam consultar os registos de nascimentos e de casamentos.

Uma observação: em 1772 e anos seguintes, era pároco o Abade Baltasar (tinha uma lindíssima caligrafia), que consignava sempre este pormenor: «foi sepultado na Igreja Nova desta freguesia».

Nova? A actual igreja deve ter quase 200 anos. Mas onde era então a «velha»? fica para outra crónica este assunto. Uma coisa parece certa, contra uma tradição corrente na freguesia, e é que a Capela de S. João — de que a seu tempo faremos menção — nunca foi igreja paroquial senão durante o

tempo em que a velha já não servia e a nova ainda não estava pronta.

Morriam, disse, umas 12 pessoas cada ano. E não querem ver que, das falecidas em 1773, (vai fazer 200 anos), eram «engeitados» nada menos que 4?! Que diabo! A moral andava muito «desviada» do recto caminho! E uns fulanos a dizerem-nos que «antigamente» é que era! Isso sim!

Nomes mais típicos que as pessoas tinham: Joam, Semiam, Fabiam, Geraldo, Bernardino, Feliciano, Domingos. Apelidos: Gomes, Gonçalves, Pereira, Silva, Correia, Coelho.

Verifica-se nesses 107 anos que os nomes vão passando de moda (ninquém ali se chama hoje Simão, Geraldo, etc.). Os nomes eram curtos, geralmente compostos de 2 palavras: Francisco Gomes, Joam Gonsalves. Era o suficiente. Para as mulheres: «Maria, viúva que ficou de José de Almeida», «Isabel, filha de Francisco Simeam», etc.

Até o Abade usava alcunhas: «faleceu Joana, Vulgo, a pata» e outros nomes de guerra como «a Lomba».

«Viúva que ficou». Quer dizer, já então, como hoje, eles se marcham primeiro. Agora se compreende que meu pai estranho haver na freguesia 15 viúvas, ou coisa parecida (que ele conta nas noites de Inverno!) e tão poucos viúvos. Fraquinhas, fraquinhas, mas por cá vão ficando!

(Continua)

11 - 5 / 501
2
22 54
20

103 do livro 8-472 - Barcelos
Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Vistos já alguns textos referentes aos anos de 1663 em diante, demos um salto e encontraremos alguns dos 1.ºs documentos que se referem ao nosso tema. Encontram-se numa obra de interesse nacional que se chama «Portugal Monumenta Histórica — Inquiritiones» do ano de 1220.

De Sacta Maria de Galegos. Martinus Godiiz abbas, Petrus Petri, Petrus Sueriz, Petruz Johannis, Petrus Gunsalvi, Johannes Pelagii, Filius Bonus, Johannes Sueriz, Fernandes, Gunsalvi, Petrus Pequeno, Suerius Pelagiz, jurati dixerunt quod Rex nullum habet ibi regalengum.

2.º Texto (da mesma data):

Os mesmos Martinus Godiiz, etc. «jurati, dixerunt quod dant de ista collatione ij. brcales minus septima de unbracali in una parte et j. solidum pro spatula et viij. denarios pro cordeiro; et in alia parte j. cubitum et tertiam et ij. solidos. Et de alia vi. denarios et de alia parte unius cubiti et tres mealas. Frojam et Cacavelus sunt pausa Regis et dant ibi Maiordomo quod comedat.

«Martinus Godiiz (e os outros) dixerunt quod ista ecclesia habet ibi senarias et viij. casalia et medium».

Veremos de seguida o texto referente às Inquirições de 1258, de D. Afonso III. Cacavelos em Alameda - V. 1.º

Notas aos textos que antecedem

1.º Texto: em 1220 era pároco de Galegos Martinho Goddiiz. Oportunamente se fará a explicação da palavra Goddiiz. O pároco tinha já o título de abade, que ainda conserva. Uma questão: porque é que se lhe chamou abade? Abades são os superiores dos conventos beneditinos. Ainda hoje se lhe chama abade, ou melhor, D. Abade, como ao do mosteiro de Singeverga (St.º Tirso). Anoto desde já que onde hijó, S. Martinho e Areias eram monges — monachus — dizem os textos que se lhes referem. O nosso antigo abade jurou que em Galegos o rei não tinha «requengos». (Tinha-os, mas era em S. Martinho e em Cabanelas, por exemplo).

3.º Texto: o rei não era «patrono» da freguesia. Patrono não quer dizer padroeiro ou Santo, que este era S.ª Maria.

Patrono significou várias coisas, mas a que o texto refere quer dizer que o rei não tinha o direito de escolher o pároco ou indicar ao Arcebispo qual ou quem devia ser o pároco de Galegos. Quanto a Galegos, tal direito pertenceu, segundo Leonidio de Abreu em «A Vila de Prado», à Casa de Azevedo. Não vi ainda o documento por onde se prove que assim foi, mas o cruzeiro situado no lugar de S. João mostra, voltada para nascente, a mesma águia que a Casa de Azevedo ainda ostenta. Essa águia é o estar voltada para nascente hão-de querer dizer qualquer coisa, além de que, me parece, só o cruzeiro de Galegos ostenta tal símbolo: é Único no País.

I - Aguias aladas? H. 1.º. XII. 2.º. 1.º. (Continua)

que

Serviço

Serviço perma-

Barcelinhos

Telefone 82652

RIA

DE CIMA

Almeida - 3 casais de Galegos
v. Alentejo
Galegos Santa Maria

Galegos tinha 3 casais em Alentejo? cad. 8, e 3 em Alentejo - cad. 8
ver cad. 2, 38, v. 2
Subsídios para a história da freguesia 13

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

VII

Voç do livro
bozados
de 6.5.72 pg
3 casais em Alentejo (8.5.72)
v. no - ver xx no 5.
4. v. c. 191
L. v. - 30 casais - 112
Continuamos as anotações aos textos das Inquirições de 1220, com algumas referências a 1 texto que virá a ser apresentado e referente a novas Inquirições, feitas 38 anos mais tarde — em 1258 — ordenadas, estas, por D. Afonso III.

2.º Texto de 1220: Cacarvelos
Como a?
Quem?
Rei, embora aí não possuísse nada de raiz, tinha todavia um direito que consta da obrigação para algum — ou alguns — proprietários do Sul da freguesia de ao Rei — ou ao representante dela — darem de comer e de dormir, quando aí passassem.

S. Domingos
11.8.72
Tal direito do Rei era um imposto em certas propriedades dos lugares de Fraão e Cacarvelos. Mas quem sabe hoje onde era o lugar de Cacarvelos? (Não é Carcavelos, como aqui perto de Lisboa, note-se). Seria pegado ao de Fraão? E quais as propriedades sobre que passava tal dever?

D. Tereza?
O dote?
Talvez nunca haja resposta.
Como é evidente, não era o Rei que ia pousar em Galegos, pois vivia já para o centro do País. Mas passaria lá o Mordomo — o encarregado de receber os impostos, ou os foros, devidos à Coroa.

Que impostos?
— a) de linho, 13 varas; — b) em dinheiro: de uma terra — em vez de um costado de porco — 1 Soldo; de outra, 8 denários; c) outros: 1 cúbito (medida de vinho?), acrescido às mais 1-3 e 3 soldos, e ainda mais outro cúbito e soldo e meio.

Para já deve anotar-se que a indicação dos direitos do Rei, apesar de feita por autoridades do tempo como

o eram os abades de Santo Tirso, de Guimarães, etc., não é bastante clara. E o que é pior é que, nas Inquirições de 1258, os direitos do Rei vêm muito alterados sem se explicar bem porquê. Veremos isso a seu tempo.

Desde já se anota também, com estranheza, que em 1220 ninguém de entre as testemunhas era Domnus, isto é, Dom, em Galegos e havemos de ver que, 38 anos depois, aparecem um D. Juliano e um D. Durando em Galegos, além de um Cavaleiro que se chamava Estêvão Fernandes. E mais: aparece referência a uma propriedade que se chamava «Villa Donega», palavras estas cuja explicação vai dar muito que investigar.

4.º Texto: v. Alentejo
Referimo-nos já ao «patrono» e este tinha o direito de escolher, em algumas terras, desde cerca do ano 600, o pároco, porque ele — ou antecessores — foram quem fez a igreja e a dotou, pois era proibido fundar-se uma capela sem se lhe dar dote. É evidente que, naqueles tempos, este dote tinha de compreender torrões.

ver Moisés, muitas
Ora, a igreja tinha «senárias» e ca-sais e donde lhe vieram é que ainda não descobrimos. Senária seria uma propriedade cujo possessor pagaria de foro 1/6 dos frutos. Não sabemos quantas eram as propriedades da Igreja com tal foro. Por outro lado, tinha ela também 8,5 casais. Nem só ela, porque Manhente tinha aí 5,5, Vilar de Frades tinha 3 (havemos de ver que eram em Casal do Monte) e S. Bento da Várzea, 1.

(Continua)

(1) foi o tipo para a V. do dote e dote
ver cad. 31-41
Mordomo: 3 casais - f. 424
v. paróq. em 15. cad. 5-97

15

22

VIII

6. 12
Einführung!
v. h. V. 179
cal

- 69) *Guerrilla Soldiers*

VII 11

ila (i pedaci -

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

IX

Em o n.º VI destas notas, referimos o Cruzeiro do lugar de S. João, que se mostra encimado pelas armas dos Azevedos. O Dr. Fonseca, já citado, transcreveu para a sua monografia sobre a Lama um documento em pedra sito na Casa de Azevedo.

Desse documento se vê:

- a) que essa Casa foi um morgadio;
b) que, em 1536, era dono dele — e de outros dali distantes — o morgado Martim Lopo de Azevedo;

c) que ele Martim, (nesse ano de 1536 ou talvez antes,) venceu a igreja de Santa Maria de Galegos com sua anexa;

d) esse vencimento se fundou em «padroado feito em 1536», exactamente no ano do dito padrão, que é de 1.5.3.6.

Os Azevedos foram, mais tarde, condes, e, se é exacto o dito do Dr. Teotónio, o escudo com coroa é simbolo do Condado. Daqui, 2 conclusões: —

- 1.ª) que Galegos teve pároco apre-
sentado pelos de Azevedo desde 1536;
2.ª) que o actual Cruzeiro de S. João — ou pelo menos o escudo desse

cruzeiro — não serão muito anteriores ao ano de 1830. Isto haverá, todavia, de ser melhor esclarecido.

Fala-se em Galegos com sua anexa. Mas então o abade de Galegos era quem apresentava pároco para Quirás? E donde lhe terá vindo tal direito? Quirás não ficava, então, mais perto de Roriz do que agora fica. Porque, então, não foi anexa a Roriz como ficou desde 1841?

Da ligação Galegos — Lama já fizemos referência nos nos III e IV, ao falar dos Abades Manuel de Azevedo, Bento de S. Azevedo e Cunha e Miguel de Azevedo.

Da ligação Galegos — Quirás falamos no n.º I a propósito da Conf.ª do Santíssimo e é oportuno anotar o seguinte:

Cerca do ano 1.500, Areias (S. Vicente) era freguesia anexa ao convento (e couto) de Manhente e por isso, anexado este convento ao de Vilar, a Vilar, também, ficou S. Vicente anexada. Foi isto o que se passou com Galegos em 1536? Quero dizer: Quirás passou à apresentação da Casa de Azevedo porque já era da apresentação do abade de Galegos?

Seja como for, em 7/4/1831, faleceu em Galegos o respectivo pároco, chamado João de Macedo (era da Ucha) que «foi sepultado, dentro da Igreja na capela maior», diz o livro dos Defuntos a fls. 84.

Pois bem. No livro dos Testamentos, que serviu desde 1762, consta a fls 38 que o Abade João de Macedo deixou «100 mil reis para repartir pelos pobres de Galegos e 50 mil pelos de Quirás, sua anexa».

De passagem se diga que tal esmola, embora avultada, não parece em demasia para quem ordenou se rezassem 1.000 missas por suas intenções e por sua própria alma.

(Continua)

dos antigos alunos minários de Braga

(Continuação da pág. 1)

m a todos
do antigos
dos Semi-
religiosos,
Arquidio-
raíya, antigo ministro da Educa-
ção Nacional que aprovou os es-
tatutos da Associação, cujos
diplomas lhes serão entregues,
oportunamente em luzida sessão

v. Mel de Ansa - lago - cad. 1-46

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

1910/29/7/72

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

X

v. Galegos e Tibães

Hista da freguesia de S. João

Fico impressionado ao ler o livro dos testamentos. Não vejo em Galegos proprietários inteiros, plenos. São foros e mais foros. Como diabo acontecia isto? Vejamos o livro começado em 1762.

A) — Francisco Martins: «deixo e nomeyo os meus prazos à minha mulher (chamava-se Ana da Silva) e nella nomeyo o direito da renovasam dos taes prazos, e declaro que lhos nomeyo na vida ou vidas que estiverem, estando ellas extintas... (fls. 2);

B) — João da Silva Galho (lugar de S. João) dispôs «dos bens de Roriz» que consistiam em um «casal foreiro à Igreja da mesma freguesia», e nomeou para lhe suceder (legatário) seu «filho Manuel», mas reservou «uso e fruto» para a mulher dele, Galho (fls. 3);

C) — Custódio Francisco dispôs do «seu prazo de Braga» nomeando sucessor seu filho Manuel. Deste prazo era senhorio directo «a igreja da sua freguesia (a de S. Galegos) e «enfiteuta, António Ribeiro de Carvalho, de Braga». Mas disse que, quanto às terras de Adains sua mulher as nomeara» (fls. 6);

D) — Padre Lopes da Pena fez sua irmã (não consta o nome) herdeira «das terras que tenho de prazo, foreiras a Vilar de Frades, a Adaens», etc. Também lhe deixou o «campo chamado do tio», seu «património» (de ordenação?) e explica que lhe deixa este «por não ser de vínculo nem morgado». Refere que fez «umas casas torres no prazo em que tinha dotado (a irmã)»;

E) — Manuel G. Galho (fls. 8) dispôs da «leira do campo da devesa, do cortelho da devesinha (contronta com a anterior) e deixou ao filho Manuel (o Senhor seja louvado, tanto Manuel!) «a parte do prazo da Igreja a saber: as casas, eirado de S. João e a leira do campo da vinha e o pradinho da pedreira» (repare-se em como os nomes se conservam!), mas «com a condisão de pagar 15 mil reis que devo a... e quanto devo (ele nem sabia!) à Confraria do Santíssimo desta freguesia»;

F) — Bárbara Maciel (testamento feito em 1759 pelo Padre Pena e impugnado em Tribunal, fls. 5) disse «que deixava os prazos e terras de Capelas e Senhorios a seu filho...». Que Capelas? Que Senhorios? A Bárbara residia no lugar de S. João;

G) — Anna Maria dos Santos (fls. 14, 1786) disse: «nomeio o meu prazo, que me foi dado e (é) foreiro ao Cabido de Braga em meu filho Manuel José». Até o Cabido de Braga? Mas como obteve a terra em Galegos?

Estou a recordar-me de uma frase que uma vez ouvi (a um leigo, diga-se de passagem): «hoje já não vale a pena ser padre, pelo que toca ao material». Pois! — Mas em 1700 e tal valia. E os padres eram tão demais como agora estarão a ser de menos. Também por causa «do material», já se vê, o que é pena.

Francisco de Almeida

(Continua)

1) Ar. cont. J. P. I. 411 - cad. 1-7

2) Ar. cont. - cad. 1-30

1) Ar. cont. J. P. I. 411 - cad. 1-7

2) Ar. cont. - cad. 1-30

Compra Falecida
Galegos Santa Maria

VM 5.8.72
Subsídios para a história da freguesia

pg 2
Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

XI

OS Documentos

Já vimos no n.º VI que a paróquia de Galegos era na mesma freguesia proprietária, já em 1220. Pois nas Inquirições de 1258 (pg. 302 do Portugalie M. Histórica) escreveu-se: et ha y una erdade a ecclesia, unde dá passadeira a Rey i. bragal, e tole esta ecclesia aquarta do bragal.

Não vale a pena traduzir o texto, mas, para melhor se entender, anota-se:

1) Uma das quintas ou herdades da freguesia pertencia à Igreja; — 2) dessa quinta pagavam-se ao Rei (ou à Fazenda) 7 varas de pano de linho por ano; — 3) todavia, elas não iam inteiras para a Fazenda: quase 2 varas, das 7, ficava a Igreja com elas, sem que se saiba o porquê deste proceder.

O que acima se transcreveu foi testemunhado pelo «cappellanus» de Galegos, de nome Stephanus Johannis. Mas o demónio dos escrivães misturaram e confundiram tudo.

Disse Dom Julianus: «que a ecclesia dá cum hos erdadores da erdade de Menendo Ayras ii i. quartas duno bragal».

Quer dizer: o falecido Ayras deixou uma propriedade que pagava à Fazenda 7 varas. Essa propriedade pertencia em 1258 a 3 entidades. Uma era a Igreja; a outra eram alguns herdeiros do Ayras e a 3.ª seria um estranho. A igreja e os herdeiros tinham um lote sobre o qual caíam 3 quartos do

imposto ou do bragal. Mas a igreja não pagava o quarto que lhe tocava. Logo, o Rei só recebia 2 quartos pagos pelo estranho e, ao todo, recebia somente 3/4 do linho devido. Assim se explica o que disse o «Capellanus», ou seja, que a Igreja tira ao Rei «a quarta do bragal».

Era assim? Não parece, já que, a seguir, nos vem Fernandus Covardus dizer «que dava cum sua germaydade ...j bragal por passadeira».

Quer isto dizer que o Covardus, que era dono e sabia por experiência quanto pagava, veio afirmar que ele e os outros herdeiros eram quem pagava o «bragal». Daí a anotação do escrivão, a propósito do dito por Martinus Suariz (que concordou com o Covardus): «ergo minuit passadeira de ecclesia» ou: «com isto abate o imposto da igreja».

Todos estes se referem a 1 só terreno da igreja: Aquele que antigamente pagou 1 bragal ao Rei. E que assim é demonstrado o jurado por Martinus Pétri: «que buvira que a ecclesia comprarara (tinha comprado) a erdade de Meen (Menendo) Ayras». Temos assim que a igreja adquiriu, por compra, parte da herança do Ayras. Era até nos terrenos comprados pela igreja que estavam as cortes do gado ou, como diz o relato da Inquirição, «u inchou-viam o ganado».

ver XIV. Quisalecos o Menendo - F. Almeida

1) Ruziz, 4.º e 5.º e 6.º, Alheira, 3.º e 4.º - cad. 31, 2.

queza que será
a boa vontade
tanto o Vitória
om a ajuda das
s, da Câmara
bairristas deste
certo mais uma
s seus créditos,
querer de amor

nação, de quem
eles dependerá
alização, agra-
ração prestada
udo quanto es-
para a realiza-

linhos, Rancho
Desportivo de
Clube Despor-
em os nossos
presenças.

Faria agra-
Presidente
e não só elo-
Comissão
portos, como
do Sr. Lima
se concreti-
ação de Bar-
depois, o
para à acção
Ilídio Tor-
arregado da
Infantil e
reu a honra
a medalha
distintos
Municipal.

hos consiga
icativa rea-
te na valo-
tude barce-

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

V. M. 19.872 XII

Cada vez me convenço mais de que «Galegos» não é só uma «povoação formada por homens da Galiza», como escreveu Ernesto Magalhães no seu, aliás belo livro, «Barcelos no passado (e) no presente», a fls. 295. A história deve ser outra, que nem o brilhante Dr. Teotónio da Fonseca esclareceu, ou podia esclarecer, em «O Concelho de Barcelos, Aquém e Além Cávado». (1948, *postuma*)

Vejamos, continuando o dito no número VIII destes Subsídios.

Há em Galegos (S.ta Maria) 3 lugares com uma denominação comum, que são: Pena, Penelas e Pena Grande, sendo o 2.º um plural (várias penas) e em ponto pequeno (peninhas) e o 3.º, um aumentativo. E «pena» é nome muito frequente por esse País, acima do Tejo. Exemplos: Penacova, Penafiel, Penafra, Penha, Penela, etc.

Anotado isto, leia-se Xavier Fernandes, em Topónimos e Gentilícios, vol. II, pág. 180, onde refere que aí se encontra a raiz «penn» a qual é da língua dos Celtas. Isto é confirmado por outro filólogo, o Dr. Pedro Machado, em «Origens de Português», 2.ª ed., pág. 11, para quem «pen» significa «cabeço», «rochedo».

Ora esses lugares nem foram baptizados ao acaso, porque eles são de facto formados sobre rocha, nem o nome «pena» se usa hoje ou desde o ano 1.000 no sentido de «rocha». Daqui concluo que esses 3 lugares, pelo menos, foram baptizados há mais de 2.000 anos. Logo, não foram «homens da Galiza» a baptizá-los. Logo, eles já eram habitados quando «os Galegos» vieram para Santa Maria e S. Martinho, se é que vieram.

Reconheço porém, uma dificuldade a esta tese, a qual consiste no seguinte.

Na Galiza de hoje (terras de Espanha ao norte do rio Minho) também habitaram povos Celtas e, por isso, também lá há lugares chamados «penas» e «penhas». Seria, então, que os homens vindos de lá trouxeram consigo os nomes com que baptizaram aqui as terras que vieram habitar?

mulher Dona Antónia do lugar de Portela», o qual faleceu aos 27/4/1833 e foi «sepultado na Igreja Matriz desta freguesia».

Notas. Esta Senhora é a única a quem vi dar-se o tratamento de «Dona» desde 1772 e o Dr. Macedo é o único diplomado no mesmo período, ficando para ulterior investigação o determinar donde era este casal, porque foi que em 1833 esteve em Galegos e ainda que profissão exercia o Dr. Macedo. Possivelmente nem era natural daqui, mas do Porto, embora filho de gente ida de Galegos, pois parece ter sido proprietário em Portela. Estaria aqui, onde lhe morreu o filho, por causa das lutas entre liberais e absolutistas. Hipóteses.

No livro dos testamentos, iniciado em 1762, a fls. 8, vem o de um M. G. Galho que declarou dever «ao senhorio do Porto (seria o Dr. Macedo?) 20 rasas de pam», mas o senhorio também devia a ele «o manifesto de 4 anos».

— Domingos Alves de Macedo, «clérigo in Minoribus (não ainda sub-Diácono), filho de Manuel Alves de Macedo e de Ana Joaquina, do lugar de Portela» que faleceu aos 30/6/1859, e foi sepultado «na capela mor próximo a lampada» (nota à margem de fls. 127, v.º do L. dos Def.).

— Francisco, «presbítero e proprietário, filho de José Ferreira e de Teresa Maria, lavradores, natural de Galegos» onde faleceu aos 2/7/1871 «no lugar de Penelas (onde residia)... «sepultado junto à cadeira paroquial» (fls. 166, v.º). Este sacerdote tinha 45 anos «mais ou menos», diz o registo.

— Padre Francisco Lopes da Pena, «natural de... Sancta Maria de Gallegos» (ver fls. 7 do L. dos T.). Sabe-se que este elaborou vários testamentos de outras pessoas, mas não conhecemos a vida dele nem onde faleceu. No testamento nomeou herdeira uma irmã nas «terras que tenho de prazo/foreiras a Vilar de Frades, a Adaens e a S. João da Ponte e também as foreiras à Igreja desta freguesia...». Este testamento foi

23

liberal?

Comba?

so o pai

7.º x

pejoachius

de nater-
nais

Cal 7-55

1826

1852

1852

Guimarães?

Ono?

gão de
ão já
dos,
m va
sim
Am
con
bém s
e têm

C
a ex
uito
trista
os
er o
que
inte
sitar
vera
ar

Apesar disso, penso que não foi tal
o que se passou com os nomes Pena,
Pena Grande, e Penelas existentes em
Galegos. O assunto, porém, carece de
a e mais detida reflexão.

Anote-se ainda que o topónimo «Penelas» já foi referido por D. Afonso Henriques no documento, do ano de 1126 — segundo Ernesto Magalhães — pelo qual se demarcou a área do Couto de Manhente. Essa estrema saía do rio Cávado, passava em Real (S. Martinho), seguia por «Penelas», separava as «Villas d'Oneca» pertencentes ao

— Francisco Filipe, «filho do Dou-
tor Francisco Luis de Macedo e de sua
11 reg. de Coimbra»

— Teresa Domingues do lugar da Igreja, que declarou (no testamento, L. fls. 11) que «tinha uma filha única por nome Maria... a qual houvera do Padre Manuel Gonçalves... de Roriz, ainda não legitimada... Pede «a sua Magestade Fidelíssima... e ao Santo Padre Clemente XIII... a houvesse por legitimada».

— Padre Francisco da Silva Vieira, ✕
de Aldéia, falecido em 19/5/1782. Sus-
peito de que não era natural da fre-
guesia, já que o apelido Vieira só tarde
aparece e vindo de fora (um caso houve
em que proveio de Lião).

Manuel - 3 de Janeiro - 1841
 Póvoa - 3 de Janeiro - 1841
 (Zento Vigário) -

2a) passa para o n.º 11-B com os dados pessoais = 40 factos não
reputados. Ex. 5-7-96. + abrida.

Se-se ainda que o topônimo «Pe-
já foi referido por D. Afonso
no documento, do ano de
segundo Ernesto Magalhães —
real se demarcou a área do Couto
nhe. Essa estrema saía do rio
passava em Real (S. Marti-
seguia por «Penelas», separava
illas d'Onega» pertencentes ao
da «Vila Donega» pertencente
os, e seguia por S. Verissimo,
Teotônio da Fonseca, I. ácerca
nhe). É por isso que o lugar
a-Fonte pertenceu ao Couto.

...isco Filipe, «filho do Dou-
...isco Luís de Macedo e de sua

— Teresa Domingues, do lugar da Igreja, que declarou (no testamento, L. fls. 11) que «tinha uma filha única por nome Maria... a qual houvera do Padre Manuel Gonçalves... de Roriz... ainda não legitimada... Pede «a sua Magestade Fidelíssima... e ao Santo Padre Clemente XIII... a houvesse por legitimada»

É o único caso deste género.

— Padre Francisco da Silva Vieira,
de Aldeia, falecido em 19/5/1782. Sus-
peito de que não era natural da fre-
guesia, já que o apelido Vieira só tarde
aparece e vindo de fora (um caso houve
em que proveio de Lijó).

Como é evidente estes dados provêm
quase todos do L. dos Defuntos.

Nomeel - João de Almeida - 456/48
 Pove - João F. de Almeida - 456/48
 (sentido vigário) -

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

26

XIII

Tratemos hoje de alguns aspectos da vida nesta freguesia, relatados no Livro 1.º das Visitas.

Continuando o livro 1.º das Visitas.

1663 — «O Reverendo abbade tem sua igreja bem provida; portanto lhe não mando obras de novo». Voltaremos a este texto (fls. 1).

1666 — «Domingos Pasteleiro ou sua mulher... e João F. da Penna porão huas (umas) pedras... na testada do seu lameiro que fique hum palmo e meio sobre a terra... o que farão até os Santos sob penna cada hum delles de duzentos reis». A falta das pedras estragava os caminhos, dificultando o administração dos sacramentos. Puro direito administrativo, com interesse de todos, a cargo de 2 ou 3 individuos! Nesse tempo não havia Câmara nem Junta!...

1668 — «Fui também informado que muitas pessoas sem ocasião de doença senão confessavam senão em casa de que se seguia grande escândalo... fregueses e uns valentes 55 visitadores. (fls. 3, v.º).

1671 — «Fui informado que cortavam a asudra (que é?) de São João e que o enxurro ia em frente e sugava a água de modo que se não usava della como dantes...». — «E os herdeiros do caminho que vai para a fonte de baixo alimpem o caminho... de modo que não haja queixa...». — Mando se ponha cancellas, hua no lugar da penna e na pessoa de Dom. Martins e F.º de Miranda e na cangosta de Regoufe, porquanto me constou avia muito danno nos gados... e as ponham até dia de natal com penna de cem reis a cada hua das pessoas...»

Não entendo por que tinham de ser os Visistadores ou Srs. Cônegos a tratar destes negócios. Abençoados homens! Que, se hoje os houvera, bem melhor estariam as paróquias. (fls. 8).

1692 — «Fui informado que os fregueses no fim da missa se ajuntavão no adro da Igreja fazendo conversações muitas vezes de matérias torpes e desonestas e levantando vozes e fazendo rizadas e porquanto de semelhantes consentimentos se vem a seguir muitos perigos e se causa grande escândalo e é menos decente aos lugares sagrados... mando... Pena aos desobedientes: meio tistão a cada hum» (fl. 26, v.º).

1697 — «Os fregueses mandarão fazer uma escada para o sino e telhado por me constar a não há a qual farão em dentro de hum mez». Pena: «sinco tosto a cada hum» (fls. 29).

1699 — «Louvo o zello e aceyo do Rev.º Pároco e fregueses...» fls. 30).

1701 — «Fui informado que... se fazião muitos serões e espadeladas de que resultava grande escândalo e inquietações... por nelles concorrerem muitos moços das freguesias circunvizinhas e ser ocasião de pendencias (zaragatas)... mando que nenhuma pessoa faça serões e espadeladas». Pena: 5 tostões (fls. 31).

1709 — «Fez-se-me queixa que no caminho que vai da Igreja para a cappella de São João, se (começarão?) a fazer estrumeiras... notifique as pessoas... não continuem... com pena de 5 tosto a cada hum...» (fls. 43).

1711 — «(a Igreja) necessita de ter o pavimento della de novo todo lagiado em fiadas de pedra com igualade, ou não querendo lagiado... a poderão cobrir toda com taburnos de madeira na forma que estão muitas das Igrejas circunvezinhas...».

1716 — «Os fregueses consertarão o alpendre da porta travessa pondo cazas com suas columnas».

— 1677 — «De novo mandarão fazer hum aljaros de largura de uma vara... nas ilhargas do sino... para quando se for repicar o sino, porque vi que o repicavão de Baixo o que não parecia relíque nem cousa defesta» — Muito folgazão! Mas veja-se agora o que segue. — «Fui informado que dentro na igreja e saindo se faziam danças e bailes deshonestos...» — Pelos vistos, fumar na igreja não é nada. Só que em 1667 isso era punido (fls. 14. v.º). *Visitas - p. XIII (997)*

— 1679 — «...Mandarão consertar o caminho de Reborido que fique capaz para se poder andar por elle...» Pena: 500 reis.

— 1681 — «Constou-me que na ocasião que vem os defuntos a sepultar à Igreja os acampañhos doridos... e vão com chapéos na cabeça, pranteão os defuntos conservando hum costume da gentilidade (fls. 17, v.º).

— 1685 — «Foi-me feita queixa... que se carregavam carros ao domingo... como também os oficiais de carpinteiros trabalhavam neles...» — Hoje só por ganância se faria tal (fls. 20).

— 1688 — «Foi-me feita queixa que os oficiais da confraria de N.ª S. do Rosário costumavão gastar o rendimento da confraria em cousas profanas... gastem de suas bolsas» (fls. 22, v.º).

— 1689 — «Fui informado que desta freguesia hião as mossas solteiras e os mancebos ao moinho de noute... mando que nenhum pai de família deixe ir de noute mossas aos moinhos...» Pena: 500 reis por cada vez. — É que não havia luz eléctrica! (fls. 23, v.º).

CHAUFFEUR

Precisa Empresa de grande projecção, um motorista profissional com prática de pesados.

Informa a Redacção.

— 1717 — «Não observarão aos Pastoraes no que toca aos serões e copadelladas nem os Capitulos de condenação... mando ao Rev.º Parocho (sob pena de suspensão de suas ordens, condemnem...)».

O Abade era tolerante, mas ia-lhe custando caro (fls. 51 v.º).

— 1724 — «Os fregueses mandarão consertar os telhados da Igreja calleando o cume...» — Pena: 2 mil reis. (fls. 571) — Que os fregueses de agora meditem nisto!

— 1726 — «(O abade) não consinta na sua freguesia mulheres viúvas que são naturais de outras e vem morar para esta e nellã vivem mal de que vem damno à freguesia... proceda contra ellas para que se absentem desta freguesia...» (58, v.º).

— 1735 — «O Rev.º Abbade, não consinta nem admita a Benesses algumas... a sacerdote algum que não andar tonsurado e com os vestidos na forma das Pastorais». — E eles a pensar que a indisciplina era coisa de agora!

— 1740 — «Reparey logo em que o arco cruzeiro é disforme de pequeno a respeito da altura da Igreja e que a Cappela-mor é curta...» (54 v.º).

— 1745 — «Não se tem dado satisfação ao Capitulo... em que se manda levantar o átrio da Cappela Mayor que é sem dúvida escura (79, v.º).

— Não me mostrou o R. Abade o toilbo (cadastro) da sua freguesia por estar junto a huma calusa que corria em Braga...»

— «Visitando as Cappellas de S. Joano e Santo Amaro, que são as únicas que há nesta freguesia...

Consta que a de S. João tem certas medidas (toros) para a fábrica (a Igreja). Porém de nenhuma dellas me apresentarão instituição, dotte nem licença... Encomendo... descobri-los na freguesia ou em Braga» (80).

Francisco de Almeida

11. r. Prado - 18190

100
EX
FF
R
J

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

XIV

gos e a cada uma das outras Vilas. Mãncipios são os varões aí existentes: o Menendo (cabeça), e os filhos, genros e netos; mãncipios: a mulher do Menendo, filhas, moras e netas.

x x x

A vida moral dos nossos antepassados conhece-se pelos relatos dos livros paroquiais. Voltemos ao livro dos óbitos, desde 1772.

«Faleceu António Martins, de Fraiam; tem por sua alma uso e costume desta freguesia, que sam 3 ofícios de 10 Padres cada um.»

Quase toda a gente ordenava se lhe fizesse pela alma o «uso e costume».

«Faleceu Joam, engeitado que criava Domingas Gomes, mulher de...». Aquela gente exercia a caridade educando os abandonados inocentes (ano de 1773). Além dos engeitados — que parece terem nascido na freguesia ou nela deixados ao abandono — ali se criaram também expostos de várias «rodas», tais como: «um menino exposto da roda de Prado» (fls. 73, ano de 1820); «Francisco, exposto da roda de Barcelos» (fls. 89, 1833); do mesmo modo aparecem em Galegos (a ser criados aqui, não sei porquê) expostos das rodas do Porto, de Vila do Conde, Braga e Famação.

As pessoas que em Galegos prestavam o antigo «serviço doméstico» — criadas de servir ou moços — chamava-se «assistentes» na casa de X.

Exemplo: «faleceu Veríssimo

Estudaremos hoje um documento do ano 1.081, inscrito na colecção Diplomata et Chartae, a págs. 357, referido na Enciclopédia-Brasileira (Verbo), a qual apresenta também outras obras que tratam o tema «Galegos». Só que os autores se copiam uns aos outros, o que sempre pretendi evitar. Diz o texto, na parte que nos interessa:

«Ego Gundisalvus luz dou a tivi... Unisconi Prolix sosediz in titulum dotis: Villas pronomina-
tas inter Limia et Katavo: Villa Quiriaz... Villa Argunli... Villa Gallegus cum adjunctionibus suis... V. Frigida... V. Mediana...».

Não se sabe onde foi escrito o documento. Vê-se que é uma escritura ante-nupcial (ou para casamento.) Como o texto refere, essas Vilas (que podem ser povoações, herdades ou simples quintas) eram 5 e ficavam a norte do Cávado (Barcelos) e a sul do Lima (Viana). Uma dessas Vilas era Galegos, Santa Maria ou S. Martinho?

O texto diz mais: «inter Katavo et Ave; inter Ave et Durio; inter Durio et Mondego». Significa isto que o Gundisalvo deu à sua noiva Unisco 37 propriedades, assim distribuídas: 5 já referidas; mais 10 entre Cávado e Ave (Vila do Conde); mais 14 entre Ave e Douro; mais 8 do Douro ao Mondego (Coimbra). Bonito dote!

Mas donde era o Gundisalvo? Porque era proprietário em Galegos? Devia viver lá para o sul, pois o maior peso das propriedades ficava à volta do Douro. E quem era a Unisco, filha (prolix)

do Sosa Dias? Para o noivo assim a dotar, devia ser bem pobrezinha! E o Noivo dá não só Galegos (tudo, ao que parece), mas também o que na povoação mais havia: «Gallegus cum adjunctio-nibus», ou com suas pertenças. Que pertenças?

O documento acrescenta: «id (esses bens) et prenomina-tos mancipios et mancipias», o que significa: bens e pessoas que os cultivam, porque assim con-tinua:

«Menendo cum filis et neptis; Bellita cum filis et neptis; Guis-calco, Grado, Adelfo», etc.

Que é isto? — O Menendo, o Bellita e os outros (ao todo são 20) eram servos da Gleba, seja, pessoas (chefes de família) pres-as ao cultivo de certas proprie-dades.

Se alinharmos Vila — Servo, teremos que o Menendo cultivava Quirás, o Bellita tratava de Ar-gunli e o Guiscalco, de Galegos. Não deve ser assim, pois as po-voações são 37 e sòmente 20 os servos. Logo, havia servo adstrito a mais que uma povoação. Por isso, quem cuidava de Galegos podia não ser o Guiscalco, mas ainda o Menendo.

E daí? Já vimos no n.º XI, que houve em Galegos, antes de 1220, um tal Menendo (ou Meen) Ayras. Bem pode este Ayras ser o mesmo que foi também referido pelo Gundisalvo Luz. O mesmo Menendo cultivaria não só Ga-legos, mas também Quirás, já por serem do mesmo dono (o Gundisalvo e depois, a mulher deste), já por ficar Quirás rela-tivamente próxima de Galegos. É evidente que isto é uma hipó-tese que não posso (por enquan-to) demonstrar.

Isso explicaria o facto de, desde muito cedo, Quirás ter andado anexada a Galegos: o dono da terra era o mesmo; esse dono nomearia o pároco; por economia, nomeava só um para as duas, Quirás e Galegos, ou fazia do pároco de uma o pároco de am-bas. (A respeito de «anexa» ver o n.º IX, de 22.7.72).

Fala o texto de mancipios e mancipias, relativamente a Gale-

natural da cidade de Braga, as-sistente em casa do Abade desta freguesia» (ano de 1773). Curio-so que ainda hoje nos Açores (ilha de S. Miguel) os trabalha-dores permanentes ou «affecti-vos» — como dizem-se dizem também «assistentes». Foram-no um Coreixas e um Esteves, este vindo da Galiza (o único que encontrei — «José Esteves, na-tural do Reino da Galliza» — fls. 83, 1833).

«Faleceu Vitória Francisca, viúva, sem sacramentos... veio sua nora chamar-me e já a achei morta, razam por que condenei seu filho... na forma da Cons-tituísam». Aparecem alguns casos de condenação em multa por des-cuido em chamarem o pároco a tempo. Mas o descuido fazia in-correr em multa. Nada tenho a objectar: ou são cristãos ou não são e muita gente só entende a voz do aguilhão.

Nos testamentos ordenavam-se missas sobretudo nos altares se-quentes: «da Senhora da Graça da Villa de Barcelos» — Manuel António, ano de 1773; «de S. Pe-dro de Rates» na «Sé de Braga; «no altar do Sacramento» (do Santissimo — em Galegos); «no altar da Senhora da Conceição» (não sei onde); «no altar de S.to André» (em Areias).

Faziam-se muitas escrituras para casamento e escrituras de doté. Em qualquer delas se esti-pulavam os encargos por alma dos doadores. (Morgadios)

Custódio Luís Alves de Ma-cedo, (ano de 1836, fls. 43) orde-nou se lhe fizesse 1 ofício de 30 padres (valentel Devia sentir muitos remorsos). As escrituras para casamento foram algumas vezes a cobertura de autênticos furtos (roubos). Disseram-no ir-mãos de meu pai contra o sogro de outro irmão. x

Em 1773 ainda Galegos per-tencia — não ao concelho de Barcelos — mas ao de Prado. Por isso a aprovação do livro em estudo diz: «Sancta Maria de Galegos, do termo de Prado». A Barcelos só pertenciam Arco-zelo, Lijó, Alvito e daí para poente.



30
As guerras de Napoleão nos causaram muitos estragos. Há todavia alguns, anotados a fls. 61 e seguintes: «Soldados que mor-rerão na guerra — Manuel... sol-dado de linha; — João, idem; — João, filho de Maria, solteira, idem; Manuel Álvares, soldado meliciano, tal como um Leonardo Joaquim Maciel e Agostinho Bispa.

Faleceram ainda na guerra: José Luís Maciel, soldado de li-nha, no hospital de S. Bento em Coimbra e José Joaquim no hos-pital de Penela (Sul de Coim-bra), todos em 1811.

Francisco de Almeida

Voz do Minho - n.º 334, de 10-3-73 (Barcelos).

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

XV

Voltamos à história da igreja. Em 1773, o visitador Dr. João Pinheiro Leite (Livro II, 12) escreveu: «visitando a freguesia achei... fazerem-se as funções na Cappela de S. João Baptista... que pela sua antiguidade e pequenês é incapaz... E vendo os termos em que se acha a obra da Igreja Nova por cujo motivo foi preciso servirem-se da dita cappela... mando se arme hum altar (na igreja nova)».

Fala-se em «igreja nova», mas não é nada nova: era em 1773 apenas restauro de outra já existente no mesmo local da actual.

Por causa das obras de restauro, é que a capela de S. João fez — durante 7 anos — de igreja paroquial. Não foi apenas restauro, mas também ampliação da antiga (ver o n.º XIII, de 9-9-72, anos de 1740 e 1745).

Mais escreveu o visitador de 1773: «Vi as contas do Procurador das obras da Igreja das quais consta dever-se-lhe (ao procurador) mais de 100 mil reis e são precisos mais de 200 mil... mando concorraõ a confraria do Senhor com 100 mil reis... Visto há 7 anos não fazer Endoenças, no que poupou mais de 400 mil, e a de N. Senhora com 50 mil.».

Não houve endoenças por causa das obras da igreja. Logo, as obras demoraram pelo menos 7 anos, pelo que foram iniciadas em 1766.

Vejam: as endoenças de 7 anos custaram mais que a ampliação de uma igreja: 400 mil reis contra 300 mil.

Prova a afirmação supra pela visita de 1767 em que se escreveu: «a Igreja se anda fazendo de novo». Foi preciso pulso firme dos visitadores. Veja-se o que em 1763 escreveu Xavier Rebelo: «deixei um capítulo (ordem) relativo à obra da Igreja que tem obrigação della o Reverendo Bento de Sousa de Azevedo, abade reservatório della (agora a gente já percebe porque é que a coisa emperrava!)... tudo se tem iludido com requerimentos (do abade, claro) e por mais me enganar mandaram um ou dous pedreiros picar pedra...».

Os abades daquele tempo não viviam em Galegos. Eram demasiado nobres para tal. Levavam os rendimentos, deixavam lá um pobre cura a quem pagariam as sopas e passem muito bem. Nem isto aconteceu só em Galegos, nem só quanto aos abades nem é de estranhar-lhes a atitude porque eram filhos das ricas famílias de então.

Que fez Xavier Rebelo? Mandou ao Cura que recebesse dos fregueses o devido ao abade Bento, e com isso fosse pagando as despesas com as obras: ordenou sequestro contra o abade. E as obras começaram.

Já vimos (n.º XIII) que só em 1697 se começou a notar a falta de obras na igreja. As obras deram numa reforma completa. Mas a torre é bastante posterior ao ano de 1811, como se verá...

Parece cedo para se fazer nova igreja.

Francisco de Almeida

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

XVI

1 — Antes de 1780 não havia o apelido «Alves» mas Álvares. Na Ucha (ver Inquirições) aparece (houve) o lugar de Moazedo. Há ali e houve muitos Macedos. Muitos deles foram párocos em Galegos. Outros vieram casar a Galegos. Os Macedos de Galegos virão talvez de S. Romão (Ucha). Um Macedo veio de Cervães.

2 — Ao tempo de S. Martinho de Dume (570) a Diocese de Braga — que era maior do que hoje — só tinha 31 paróquias (Pierre-David-Études...). Uma delas era Agílio. Parece que Agílio corresponde ao que depois se chamou «Arcebispo de Neiva» (desde Prado ao Mar e do Cávado ao Neiva) — ver Avelino Costa — D. Pedro... Nesta obra estuda-se um censal (rol de paróquias e respectivos impostos à Sé) que datará dos anos 1084 a 1091. Aí, Galegos figura como a paróquia 424 (Barcelos e Vilar do Monte não figuram). Será que o Velho Arcebispo (há relação dos seus Arcebispos em Vaz — O cabido, já citado) correspondia à terra de «entre Homem e Cávado e Valle de Tamel», falado acerca das Visitas? (Ver n.º II). Conclusão: Galegos já era gente ao tempo de S. Martinho de Dume? Cristã ou ainda pagã?

3 — Diz o Dr. Avelino, no I volume do D. Pedro, a págs. 127: «no Seminário de Braga (deve ser o de Filosofia ou Sant'Iago) guarda-se um capital préromânico da igreja» (de Galegos). Como foi lá parar, levado por quem, com autorização de quem é que chvinha saber. O dito museu não tem mais que 24 anos. Lamentável! Conclusão: tal capital prova que houve em Galegos uma antiga igreja que terá sido construída ainda antes da velhinha que temos em Manhente.

Ora a de Manhente não será a primitiva. É antes uma reconstrução do ano de 1125 (antes de D. Afonso Henriques) — ver E. Magalhães, Barcelos, pág. 244.

4 — Um censal de Braga — anos de 1369-1380 (ver Dr. Avelino, obra citada) — diz: Da Igreja de Santa Maria de Galegos paga estes direytos. Segue o resumo: 1 bragal ou 40 soldos; por 1 bragal e calandayro, 11 soldos; os novos; a terça das mantas e monturas; a dízima das searas «que daram 6 moyos, 4 maravedis; por visitação, 5 libras. Pouquíssimos encargos! (ver n.º X, G.).

5 — Mais párocos antigos (v. n.ºs I, III e XII): — Baltazar Ferreira da Silva, até 1783; Encomendado Gabriel Sousa da Costa, Domingos Acácio Pereira da Costa (1783-1808), «que foi sepultado como frade no Convento de S. Francisco da Villa de Barcelos» (era no campo da feira, se não erro); — Encomendado Manuel José Francisco (o tal que escreveu: «soldados que morreram na guerra» 1811); — João de Macedo, até 1831; — Enc. João Gonçalves; — António José de Macedo, até 1834; — Francisco Joaquim da Costa, até 1840; — António José de Macedo (sobrinho dos anteriores?) até 1878, pelo menos. Outros: — José Joaquim de Outeiro e irmão, António; — João Alves Pereira (de Galegos, encomendado); — Padre Moutinho, etc.

6 — Em 1664 já existia o altar da Sr.ª do Rosário. Privilegiado como o do SS.mo (ver h.º das Visitas, I — Bento de Vilas Boas — de Barcelos? — cônego Visitador). Ainda são privilegiados?

Francisco de Almeida

(Bento José de Almeida)

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

XVII

Voz do linho de 7. 4. 73.

1 — Há 30 anos ainda aqui se cultivava o linho que era depois arrancado, curado debaixo de água, moído em Vilar de Frades), espadelado, etc. Nesse tempo uma ou duas mulheres sabia urdir a teia. Isso acabou como acabaram os panos de linho, de estopa, os pontos-cruz, etc.

2 — As saias de 7 rodas, atadas na cintura com largas faixas, as camisas de linho, rendadas usadas pelas mulheres no Verão, os «cachinés» (lenços da cabeça), as argolas, os cordões de ouro, as faixas vermelhas dos moços namoradeiros de há 60 anos (que os velhos ditados recordam), tudo ardeu.

3 — Continuam os cantares como este:

«Ó meu S. João Baptista / A vossa Capela cheira / cheira ao cravo, cheira a rosa / A flor de laranjeira».

Há meio século, mulheres e raparigas, nos campos, faziam coros espontâneos a 2 e 3 vozes (ir por cima, ir por baixo).

4 — «Namorada» significa «enganada». Namorar traduz-se por «conversar» e «fala para João», «fala para a Maria».

Havia quem aqui namorasse sempre em verso e usasse o verso na conversação de todos os dias. As cachopas gostam muito se lhes fale em verso (são quadras de 7 sílabas).

5 — A pronúncia de muitas palavras é de há muito aqui diferente da usual em freguesias vizinhas como Lijó e Roriz — rivais. E é corrente. Porquê é que ainda se não investigou.

6 — Também aqui se falava — dantes — de púcaros a arder nas encruzilhadas, de vozes noctur-

nas na Quaresma, de feiticeiras (que se acreditava serem reais), de talhar o mal, etc.

7 — O chamado Galo de Barcelos não é de Barcelos, cidade ou freguesia, mas só de Barcelos-concelho: o galo nasceu em Galegos. Já se diz porquê.

8 — Informa o Sr. João Adelino Lourenço, que tem cerca de 80 anos:

a) que, era ele pequeno, havia em Galegos uma orquestra:

b) que ela era composta por: 7 violinos, 2 violoncelos, 2 flautas, 3 bandolins, 4 violões e 1 harmónio «que acompanhava a orquestra nas igrejas»;

c) que os ensaios eram na casa que hoje é do Sr. Lourenço e ao tempo era do sogro dele (o velho Abreu Aldeia) a quem se pagava 1 tostão por mês.

d) que os músicos eram: o velho Manuel Lourenço (Trás da Fonte), 1.º violino com um Matos, aferidor e um Pereira, ambos da então Vila de Barcelos; — José São Bento, Américo Morgado e outros, 2.ºs violinos; — Eduardo Martins (Penicho), João Coreixas, António Pereira Coto, violão; — violoncelos: o Reitor de Manhente e um Jeremias (pai); — ao harmónio: um Correia, filho do proprietário das Termas do Eirogo; — flautas: Anselmo Vasconcelos e António Anjo; — maestro: Jeremias (filho); — cantores: vários, contando-se entre eles o Reitor de S. Martinho, o grande Padre João de Deus.

Ora, continua o Sr. Lourenço: «António Pereira Coto que até foi o inventor do Galo em Galegos».

Francisco de Almeida

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

XVIII

1) — Nos séculos 17 e 18, muitos artistas houve do Minho — sobretudo Alto Minho — que foram tomar de empreitada — e construir — numerosas igrejas e capelas na diocese de Viseu.

2 — Ora, informa o Sr. Joaquim Alves Pereira, de Galegos:

a) que seu pai, António Silvestre, natural de Galegos fez obras em igrejas de Silveiros, Balazar, Alvelos, Forjães e outras, não falando já de Galegos;

b) para Galegos: arco cruzeiro (1903), — talvez, a imagem (lindíssima) do Coração de Jesus; — e Sagrado Coração de Maria, talvez (v. plano)

c) que ainda há pouco ofereceu a pessoa de Forjães cópia do contrato, de 1905, relativo a 3 altares da igreja de Forjães, cujo custo foi de 250 mil reis, do que foram fiadores dois comerciantes de Barcelos: Tomás José de Araújo e Joaquim Coelho Gonçalves;

d) que a seu pai se deverão 2 nichos junto ao Arco Cruzeiro do Senhor da Cruz em Barcelos e ainda a imagem de Santa Marinha (Campos, S. Marinha);

e) que seu pai ganhou 2 medalhas de prata e 1 de cobre em exposições de 1900 a 1906 em Famalicão e 1 relógio de sala da Boa Reguladora (Famalicão), relógio que a Reguladora conseguiu reaver dele (filho) em 1970. O relógio era de 1900;

f) que os portais, em madeira

trabalhada, da Casa do Velho Abreu (e depois Marcelino) em Galegos se devem a seu avô, António Alves Pereira (António Almas) e a Luís das Almas;

g) que não chegaram a ser utilizadas as seguintes obras de seu pai: altar para Santa Marinha, acima referida, um busto destinado a imagem de S. João e outro, a imagem de S. Sebastião, ambos para Galegos;

h) foram artistas sob as ordens do nosso empresário-artista: Joaquim José Alves, António Gonçalves Anjo, Manuel Alves Dias, António Augusto Pereira, José Lopes, um Salgado (de S. Veríssimo), um Zacarias (das Necessidades, freguesia de Barqueiros).

Este homem faleceu jovem em 1909. Um filho dele veio a ser sacerdote. Foi pena que não se tivesse lembrado de recolher notícias para a biografia de seu pai (bem mais ilustre, aliás), tais como lanças, jarras, castiçais, púlpitos, crucifixos, oratórios, etc., saídos da oficina de António Silvestre (Alves Pereira), ou António das Almas, e família.

Daqui peço ao Sr. Joaquim que, se algo do que vai dito não está correcto, corrija em postal dirigido ao Sr. Director de «A Voz do Minho» e se mais notícias tem, que as escreva também no mesmo jornal ou através do Sr. correspondente de Galegos.

Francisco de Almeida

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

XIX

1 — Falaram-me em editar estes apontamentos. Não pode ser: 1.º — porque ainda a procissão vai a sair da igreja; 2.º — porque de maior valor eram os escritos do Dr. Teotónio da Fonseca e só alguns foram editados (e pelos filhos); 3.º — porque logo teria de pagar ao Grémio dos Editores 25 «patacas» por mês; 4.º — porque isto só pode interessar aos da terra e decerto a poucos, e não estamos em tempo de suportar déficits com livretes. Tudo isto, além do mais.

2 — O Sr. Alexandre Alves, da Caixa Geral de Depósitos, (este não lê só a bola!) publicou, magnífico trabalho sobre a diocese de Viseu: Igrejas e capelas... nos séculos XVII, XVIII e XIX. Precisamos de estudo idêntico em Barcelos. *V. S. Amaro, no XIII*

3 — Houve na igreja de Galegos um altar em honra de Nossa Senhora da Encarnação (devoção antiquíssima) e hoje não há. — Ver testamentos de Domingos Faria, fls. 11.

— Desde o tempo do rei D. Sebastião e por ordem dele — devido à peste — toda a terra passou a venerar S. Sebastião (Ver o livro referido em 2, pág. 12).

5 — Antes de 1683 houve em Galegos 2 párocos com o nome de Miguel de Azevedo (Ver Nobiliarquia Portuguesa — Sousas — pág. 129 a 133). Um deles foi sogro de certo fulano da Casa de Bagoeira (Barcelos), o que não será de estranhar pois os Srs. Cônegos de então... (ver o câbido de Braga — A. Vaz).

6 — O Sr. Ângela informou-me que foi encontrado o «tombo», cadastro ou livro de propriedades antigas de Galegos (no arquivo distrital de Braga) e que iria ser estudado pelo Cônego Arlindo Cunha, que é mestre. Talvez ele tire as teimas sobre se isto é de Lijó ou de Manhente de S. Martinho, nossos vizinhos. O estudo das matrizes prediais (em Barcelos) teria enorme interesse. Mas estas licenciaturas em história.

7 — Foi-me dito que se encontrou um marco com as letras AZ (ou semelhantes). É Azevedo? E deve haver muitos mais. Determinavam limite da freguesia ou antes, dentro da freguesia, de propriedade de pertencente à casa de Azevedo? Só entre 1800 a 1860 encontrei o apelido Azevedo e só nos lugares de Casal do Monte e de Portela (livro de Defuntos). Não encontrei menção de prazos de Azevedo.

8 — Desde 1967 (ai começou a haver Código Civil) quase acabaram os testamentos, as escrituras de simples doação e as dotais.

9 — Por 1860, Barcelos passou a ser «distrito eclesiástico», segundo os abades anotaram; passou-se a numerar as portas como na cidade: n.º 27, n.º 50, etc! Que progresso! E a consignar nos registos os nomes dos avós das crianças nascidas e das pessoas falecidas. Até ali, procurar os ascendentes das pessoas é quase impossível.

10 — Em 1832, Maria Rosa da Costa Silva Pinto, mulher de

Custódio Luís Alves, de Portela, fez seu herdeiro e testamenteiro seu filho, Padre João Luís. Teve, como um de que já falamos, ofício de 30 padres. Suponho que esta mulher veio de Cervães para Galegos (casou para).

O Padre João Luís assinou uma das reformas dos estatutos da Confraria do SS.mo. E nada mais se sabe deste filho de Galegos.

Francisco de Almeida

Galegos Santa Maria

42

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

XX - 13 milhéis 4345
de 5/5/73 (1919-83)

Estes apontamentos, que nada valem, dão um trabalho monstruoso, embora aliciente.

1 — Os testamentos de Galegos aludem tanto às justiças de Barcelos (Escrivão Pascoal da Costa Azevedo — outro Azevedo — L. Test. Ano de 1760) como às de Prado, e até às de Manhente (pelo menos, notário: escrivão Manuel da Costa Couto test. de 1743).

2 — Em 1766 já em Areias existia um «José do Monte» a quem Francisca Antónia devia certo dinheiro, desde a «morte de minha mãe» e em Galegos, já vivia a «Faia».

3 — António Martins (L. Test. 1766) dispõe de um «prazo em casal do Monte, foreiro ao convento de Vilar de Frades» (V. n.º X).

4 — Em 1766 fez testamento em Galegos o «beneficiado João Pinto da Silva, natural da cidade de Braga, morador na residência desta Igreja». Era quase um cônego. Porque viveria ali?

5 — O lugar de Casa Nova só aparece (só o vi) mencionado pela 1.ª vez em 1767 (L. Test. fls. 8). Em 1258 «Inquirições — (V. n.º VII) mencionam-se 3 lugares: Fraião, Cacavelos e Trás

(Continua na página 6)

Antigo Casal de Manhente?
por Braga? Cônego? Porque ali?
v. Bens
1/2 casa v. am s. Martins?

Galegos Santa Maria

Subsídios Para a história da freguesia

(Continuação da pág. 1)

V. de Almeida, no 345, de 5/5/73

da Fonte. Necessariamente já havia o da Igreja. Onde se situava, então, ela? (O Capital...)

6 — Uma «leira da Cova» (alguém sabe onde fica isto?) era prazo da Igreja.

7 — Alude-se à presença em Galegos de um «Inqueridor da vila de Prado» (L. Test. fls 12).

Por 1760 ainda Galegos dependia de Prado (não de Barcelos) o que acontecia de há muitos anos, como se demonstra das Inquirições de 1258 (Afonso III)... disse que os desta freguesia «peccam tam voz et cõnia» ao senhor de Prado... mas (uns de Fraião e de Cacavelos) «descendem de Estêvão Fernandes cavaleiro... que, non pectam voz nem coamnia». Significa: a freguesia está sob o poder do donatário da Terra de Prado (pelo poente ia até S. Veríssimo, etc.).

— Ver ~~heraldio~~ de Abreu — À vila de Prado, n.º XIV, 2.ª parte).

8 — A propósito do tal Estêvão Fernandes Cavaleiro, veja-se: como os apelidos se conservam; que ele foi um perdulário: vendeu propriedades à Igreja e a um certo Petro do Vale (do Vale de Mór?) Que cavaleiro era este? Vilão, fidalgo ou só apelido? Se fosse só apelido, como é que os descendentes estavam isentos do senhor de Prado? Se em 1220 não se fala em Dom, como é que em 1258 há 2: Domnus Durandus e Domnus Julianus? Descendentes do Estêvão? Viviam em Galegos? Só lá eram proprietários? Qual

o grau da nobreza deles? Descenderão, pelo Estêvão, do Gundisalvus luz e da Unisco? (V. n.º XIV, 1.ª parte). Um inferno: de uma parte pertencente ao couto de Manhente, de outro à Lama, de outro a Prado. A ver se algum genealogista esclarece isto, algum investigador encontra os processos judiciais e os livros de notas dos Notários. Nem tudo deve haver desaparecido. Em Braga, velhos pergaminhos foram encontrados a servir de capas a livros mais modernos. Selvagens!

9 — 1854. L. Test. fls. 55, v.º: Joaquim José de Vasconcelos (esta gente veio de fora) alude a um «seu tio Vigário». Quem seria ele? Natural de Galegos, para nem lhe dizer o nome? A propósito do tio: da Casa dos Salgados (Almeidas e Coelho), do lugar do Souto saiu um pároco de Alheira que em Alheira foi enterrado (lápide sepulcral à entrada da porta, principal) e tio trisavô do autor destas linhas. O

Sr. Abade de Alheira não recebeu decerto um cartão que lhe dirigiu sobre este assunto.

10 — Ninguém me há-de convencer que entre Braga e Barcelos (margem direita do Cávado) não havia alguma estrada romana. Mas... Vestígios disso?

Só a Arqueologia há-de responder. Para nós o que interessa é o monte do Facho: muralha, moedas, estátuas, etc. Tudo por fazer. Que gente é esta afinal? Que tribu, antes de os Romanos?

Francisco de Almeida

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

XXI

Ao dizer «subsídios» quero significar achegas, pequenas pedras para um edifício. Não hei-de ser eu a construí-lo, ou seja, a história da terra. Ninguém da terra escreveu sobre ela e é de esperar que outros venham continuar o que possa deixar eu feito. Se aparecessem estudos sobre as vizinhas, seria maravilhoso.

1 — A igreja devia ser baixa e pequena e a torre, quase térrea, como era há anos a da Lama (torreão com 2 sinos).

2 — Consta que a pedra para a actual torre veio (por 1850?) da Pena Grande. ver XV.

3 — 1663, Jácome da Silva ordenou se mudasse «a pia da água benta para a banda da direita, como está mandado».

4 — 1664, R. I, fls. 1, Vilas Boas mandou fazer «um retábulo no altar colateral que diga com o de nosa Senhora». Em 1667, fls. 2, v.º, ainda não tinha sido cumprido (reparo do Visi-tador Ant.º de Melo Sousa).

5 — 1746, o dr. Roiz Medina, R. I, fls. 79, v.º, sugeriu, para ampliar a igreja, que o «arco cruzeiro fosse levado para junto dos degraus do altar da cappela mor fazendo esta capaz de ter tribuna». Logo, a antiga igreja era tão comprida — só — como do fundo ao arco cruzeiro de agora; e o altar-mor era sem tribuna (a de hoje é ampla e majestosa). A tribuna era neces-ária por causa das cerimónias da Semana Santa (era muito solene em Galegos, e ainda há uns 30 anos se faziam algumas). Na antiga igreja não havia fres-tas (1755, fls. 81 e 91).

6 — 1675, Lobato de Sousa: «a imaje da Birge (e era cônego!) padroeira (que está) sobre o calvário»... e o «menino Jesus

(passe) para o nicho sobre o calvário».

7 — Até 1878 tudo ali era sepultado em «um lansol»; desde cerca de 1800 eram os defuntos revestidos com hábitos: de S. Francisco, sobretudo (eles) e de St.ª Teresa (elas).

8 — Por 1750, o povo vivia pobre. Diz o testamento de Francisco António: «Francisco Ribeiro deve-me 2250 reis... e o que lhe pertencer (couber) de 1 coarto de ouro que paguei por ele de chumbo no Porto e... 2000 reis de custas... E ela de-via... a uma de Carapessos 1 coarto de ouro; a José de Almeida, 8 tostões e ao boticário de Barcelos, outros oito».



CARROS USADOS

VENDE-SE

Peugeot	204	1969
Peugeot	404	1967
Ford Escort — Luxo		1971
Austin	1000	1969
Fiat	850	1967
Fiat	124	1969
Fiat (Coupé)	850	1967
Fiat	128	1971
Taunus 29 M		1967

COMERCIAIS

Ford Escort	1971
Peugeot 403 c/ aberta Diesel	1967

Além das Viaturas mencionadas disponho de outras em reparação, e NOVAS, DA MARCA TOYOTTA.

Não compre sem consultar o

STAND

DE

MANUEL FERREIRA AMARO

Telefone 64324

R.5 de Outubro, 254 — VILA DO CONDE

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

XXII

Tratemos hoje do ensino. A 1.^a observação é para estranhar que só há poucos anos tenha começado a haver em Galegos escola primária.

No n.º II, falei de alterações aos Estatutos da Confraria do SS.^{mo}. Quem as assinou foram os «irmãos» de então, todos proprietários, como se vê dos testamentos que fizeram. Mas assinaram — em 1780 — mais de metade «de cruz». Assim, por exemplo: V. Música - F. M. (H)

«De + José de Macedo», o que significa que este Macedo não sabia «fazer o nome» dele. E a situação pouco melhorou até cerca de 1900. (ver cad. I).

Quem ensinou os que souberam ler não sei.

Desde 1860 até perto de 1900 ensinou em Galegos — professor particular — o chamado «Mestre da Quinta» (da Casa da Quinta, falecido Anselmo, em Aldeia). Morto este, os «miúdos» passaram a ir às aulas de «Mestre Campelo» em S. Veríssimo. pagavam os pais «um tanto» por mês.

E as raparigas? Algumas houve que souberam ler. Ensinadas por um irmão ou coisa assim — era uma curiosidade e somente «letra redonda».

Que eu saiba, a 1.^a escola oficial que houve foi a que funcionou em Portela — junto à casa dos «d'Aldeia», regida por uma Senhora a que chamavam D. Rosa. Esta Senhora deixou Galegos aí por 1940 e passou a haver 2 escolas: a antiga, da D. Rosa, para raparigas, em que sucedeu D. Célia Lamela; a dos rapazes, anexa à residência paroquial, regida pelo Sr. Manuel José da Silva.

Só alguns anos depois — aí por 1945 — se começou a construir a escola central, a poente da igreja.

Mas voltámos ao Mestre da Quinta. Ensinava ele rapazes, não só de Galegos: também das vizinhas, sobretudo S. Martinho. E, como todo o professor — que alguns esqueceram ser substituído dos pais — tinha de fazer justiça. Para tanto, elaborou ele um «código» de maldades — e respectivos castigos — perfeito código penal.

E lá dizia (que pena não se conservar semelhante documento!):

— Artigo tal: Para quem andou à «pedrada», se não houve ferimentos, 12 palmatoadas; se ferimentos houve e sem sangue, 16 palmatoadas; com sangue, 24.

Ora os de S. Martinho parece que se atreveram a refilar em terra «alheia» e daí que, ali para Novais, tenha havido «guerra» entre os de Santa Maria e os de S. Martinho. O pior foi que um dos de S. Martinho apresentava no dia seguinte um «galo»!... Queixou-se ao Mestre — que bem tinha visto o galo — mas fez vista grossa.

Averiguado o da «mão torta», o Mestre fez ler o código e lá cantava: pedrada, com galo (ferimento) — 16 daquela coisa!

E o Mestre, tudo ponderado, ditou a sentença: a regra manda 16, mas, como Nosso Senhor Jesus Cristo também perdoou, vá lá! Só oito.

— Mas que oito! Contava, já com seus 60 ou 70 anos, o falecido — em Mirandela — João Valada (G. Sousa).

(Continua)

Antes de ser S. Bento (1672) - Bom Sucesso - Religião I/372
Galegos Santa Maria *cop. de S. Bento*

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

XXIII

Falemos hoje de Santo Amaro

V. a origem de S. Bento, S. Bento, S. Benedito, S. Amaro (capela de S. Amaro)
Vimos no n.º XIII que um visitador escreveu serem as capelas de S. João e Santo Amaro as únicas (isto por 1750).
No n.º VIII deixei levantado o problema de saber se a capela de Santo Amaro será obra dos beneditinos que houve em Manhente. *escrita*

Quanto à origem e vida do Santo, pode ver-se em qualquer tratado de vidas de santos. Nome: Mauro, corrompido para Amaro. Origem: italiano (talvez de Roma, filho de aristocrata e discípulo de S. Bento). Trabalhou na França onde fundou um mosteiro (convento). Morreu por 584. Portanto, contemporâneo do grande Martinho de Dume. (562).
Por 1450 deixou de haver beneditinos em Manhente. Logo, se a devoção em Galegos, ao Santo, é obra dos beneditinos, será anterior ao ano de 1450.

Antologia lusitana - Jorge Carvalhal
Biografia do Santo
Beneditinos
Manhente
Esta capela
outras
at. II
(Continua na pág. 8)
a oron. de S. Bento (Benedit Lusitana)
A S. do
A letra
a música
sermões, mas
o Culto
S. Amaro

Galegos Santa Maria

(Continuação da pág. 1)

Ad. a. de. n. w. f. e. r. e. z. -

XXIII

7. 1. 1

Quanto à actual capela: pode ver-se descrita pelo Dr. Teotónio da Fonseca (Barcelos, Aquém e Além Cávado). Tem a porta principal voltada a poente (exactamente como a igreja e a capela de S. João — porque assim o mandavam as regras canónicas).

A volta da capela, um adro de uns 4 a 5 metros de largura. Nele, uma oliveira, que parece velhíssima (primitiva?). Fora do adro, a uns 10 metros dele, frente à porta principal: um cruzeiro pequeno.

Diz o Sr. Ilídio Ramos ter visto «gravada na padieira da porta travessa — a inscrição — 1662». Mas a capela tem duas portas travessas e nunca reparei na inscrição. Seja como for, 1662 será apenas — penso eu — data de reconstrução.

E pena não haver uma confraria que cuide daquela preciosidade e a conserve. Dentro em pouco dará — pelo caminho — que leva — com os ossos no chão: tecto lamentável; no adro joga-se a bola; o muro esboroa-se e faltam umas cancelas.

Na capela se venera também N.ª Sr.ª do Bom Sucesso, a que chamam outros do Parto, da Esperança, do O. Venera-se não sei desde quando. (Ver A. d. v. 2).

Conteúdo da devoção a Santo Amaro: dores nos membros. Muito sermão ali se pregou e era mais inteligente escrever do que do Santo se sabe e como é ele até venerado. A devoção nos moldes que vem sendo praticada está condenada.

Festa: aos 15 de Janeiro e domingos seguintes. Antigamente, clamor, de madrugada, desde a igreja até ao alto. E até nisto intervinha a maldade dos homens: em vez de cantarem «Libera nos, Domine», soava «librà nós e roffminé» (lá sabiam eles porquê).

Já anotei que só tardiamente o local passou a ser habitado.

Quanto a um fogo que tivesse atingido a capelinha nada sei. Do mesmo se diga quanto a bens que à Confraria do Santo tenham pertencido: consta que os teve.

Há, como se vê, muito a procurar.

Invocação ao Santo:

Santo Amaro, que nos guardas —
Noite e dia sem cessar,
Eu vos dou a minha alma,
Eu vos quero sempre amar.

Como se vê, é uma canção modernista, sem poesia alguma e doutrinariamente absurda: nem o Santo é padroeiro da Terra para a guardar, nem se lhe pode fazer entrega da alma (que só a Deus), pelo que o povo é levado a dizer o que não entende (mas, do mal a menos).

A música da invocação sabe-a o povo de cor: não existe escrita. (Escrever a Música)

A investigação terá de ser ligada a estes pontos: devoção a S.to Amaro em Barcelinhos, Chorenta (se não erro), Póvoa de S.to António (S.ta CombaDão), Tourigo (Tondela), Bertelhe e Povoação (em Vale de Cambra). — (Ver Alexandre Alves em «Igrejas e Capelas... da diocese de Viseu — 1968»). Seria útil um estudo sobre a devoção a Santo Amaro na diocese de Braga.

forjaes... ellais: barro (no VIII)

Ampliar

50

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

52

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

XXIV

O nome «Galegos»

1.º — Há um folheto de 16 págs., assinado por Horácio Marçal, que estuda «o significado do vocábulo «galegos». É impressionante que se chame «Galegos» a tanta coisa: montes, moinhos, casais, herdades, etc. Ex.: vaca *galega*, couve *galega*.

2.º — Mas, no nosso caso, trata-se de um plural, nome de terra e, como tal, existe pelo menos nas terras que seguem, além do território formado por Santa Maria e S. Martinho (de Galegos):

— a) em Penafiel, perto do Porto: nome de freguesia (antiga honra e beetria de Galegos — P. Carvalho, corografia, vol. I, pág. 339 — 1712);

b) no distrito de Vila Real: foi vila e teve pelourinho (C. Azevedo, terras com foral, 1967);

c) Azambuja (vila, perto de Santarém) chamava-se «Vila Galega» (X. Fernandes, Topónimos, II, 357);

d) há Vilarinho de Galegos (mesmo Autor, II, pág. 227);

e) ainda «Casais Galegos» e «Póvoa de Galegos» (mesmo Autor, II, 353);

f) ainda no distrito da Guarda;

g) Montijo: até 1930 tinha o nome de Aldeia Galega do Ribatejo (C. Costa, lendas, pág. 206);

h) em Alenquer (28 Kms. de Lisboa): há a freguesia de Aldeia Galega da Merceana (C. Costa — pág. 295);

i) Galegos (um lugar) em Malvão (Portalegre);

Até no concelho de Mafra existem diversos nomes de lugar em que entra o vocábulo «Galegos».

3 — Ora, dos lugares que foram baptizados com esse nome, alguns tinham antes outro nome, e outros terão sido baptizados pela 1.ª vez aí pelos tempos de D. Afonso Henriques (os do Sul de Portugal).

(Continua na página 7)

*Galegos em Buarcos. cad. 4-69
Ribeira de Galegos - 4-70*

Galegos? Santa Maria

(Continuação da pág. 8)

4 — Em Santa Maria há lugares, como Penelas, cujo nome parece mais antigo que o dado à freguesia toda «Galegos». Qual terá sido o nome que teve este território antes de se chamar Galegos? Como, porquê e quando se dividiu em 2 paróquias? Qual delas será a mais antiga, Santa Maria ou a outra? Se os povos para aqui vindos vieram de além Minho (Galiza), que foi feito dos que viveram antes, se viveram, em Galegos?

5 — E também na própria Galiza há povoações chamadas Galegos. Logo, na Galiza nem todos eram Galegos. Que povo foi este?

Na Galiza (v. Enciclopedia M. I. Europeo-Americana, 1924) chama-se Galegos:

a) a duas aldeias: 1.^a paróquia de Santa Cruz de Ribadulla; — 2.^a paróquia de S. Pedro de Villa Nova, ambas no município de Vedra da província de Corunha; Corunha

b) a 3 aldeias: 1.^a paróquia de Santa Maria de Galegos no município de Rio Torto; — 2.^a paróquia de S. Este-

ban de Pol, município de Pol; — 3.^a paróquia de S. Mamede de Losada, município de Carballedo, todas na província de Lugo;

c) a 2 aldeias: 1.^a paróquia de S. Miguel de Galegos, município de Lalim; — 2.^a paróquia de S. Eulália de Atios, município de Porriño, ambas da província de Pontevedra.

6 — Em que ficamos então? Em que o negócio é mais difícil do que parece e que não é com duas pinceladas que se resolve a questão. Mais: começo a convencer-me que é mais importante estudar os nomes dos lugares de uma freguesia do que o nome da freguesia. Mas não é assim que os «sábios» têm feito. Têm aparecido uns «escavadores» a procurar história nos nomes de lugares. É ver para Parada de Gatim no queito jornal Vilaverdense tem escrito António de Sá, um erudito dominicano, filho de Parada. Bom! Tem sabor mais imediato — dizem — o aperitivo formado com vinho branco, cerveja e açúcar!

Francisco de Almeida

Municip

Vedra - C
Ribadulla
Pol
Carballedo
Lalim
Porriño

Lugo

Pontevedra

Galegos Santa Maria

Subsídios para a história da freguesia

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

XXV

Nota: ver livros de Quiraz

1 — Há tempos, um barcelense ilustre reparou-me que estes apontamentos não estavam sistematizados. É exacto. Escrevem-se à medida que se encontram as notícias e se assim não fora, nunca a paciência chegava para os ordenar. O certo é que um conterrâneo me escreveu que nunca pensou haver tanto a contar da freguesia. Pois é: «de grão a grão...».

2 — Em 1712, um ilustre Padre Carvalho da Costa escreveu uma obra sobre as terras de Portugal, titulada Corografia Portuguesa. Disse: «Santa Maria de Galegos, abadia da Casa de Azevedo, rende com a anexa do Salvador de Quiraz em Barcelos 400 mil reis, tem 80 vizinhos».

Portanto: a) sendo vizinhos os chefes de família, haveria em Galegos umas 400 pessoas (20% da população actual); b) nessa data, a vizinha, S. Martinho, tinha 70 vizinhos, mas só dava ao pároco cerca de um décimo do rendimento. (E não tinha anexa!).

3 — Por 1874, Pinho Leal, outro benemérito, escreveu que o rendimento paroquial do abade de Galegos — já sem Quiraz desde 1841 — era de 800 mil reis (desvalorização da moeda). S. Martinho rendia 100 mil reis.

4 — Mais uma nota: os Estatutos da Confraria do SS.^{mo} — iluminados — datam de 15/5/1732, assinados por diversos irmãos. Estes deram pro-

curação ao vizinhô, de Roriz e a residir em Braga, Padre António Pereira de Macedo, para ele tratar de legalizar a situação da confraria perante a Câmara eclesiástica. Pois bem. Em 1773, para obedecerem a ordem régia, foram os Estatutos aprovados pelo juiz da comarca de Viana. Só em 1805 os Estatutos foram aprovados por Braga (aprovação canónica) e mesmo assim, o examinador escreveu: «He esta confraria laical... Não mostram os requerentes erecção canónica». Fez reservas como esta à aprovação: «sendo rica, ilícito será pedirem esmola pelas eiras para gastarem em luxos com enterros de irmãos»; «sejam as mulheres proibidas de assistir às funções das endoengas à noite».

Todavia, o arcediogo de Neiva (uma das dignidades da Sé), Doutor Francisco J. S. Lima, aprovou.

No S. Miguel, ainda há anos os mordomos iam de vara de junco pelas portas colher o que de linho e milho lhes ofereciam. O Examinador tinha alguma razão no reparo.

5 — Os 1.^{os} Estatutos impressos datam de 1912 sendo mesários Francisco José de Almeida e outros. São feitos, parece, apenas para obedecer à lei do governo republicano (têm disposições que sempre foram letra morta), estão aprovados, em 1914, pelo Governador Civil de Braga, mas não pela autoridade eclesiástica.

biblioteca
municipal
barcelos



27668

Subsídios para a história da
freguesia de Galegos